A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS ▪ JUNHO DE 1990

A LIAHONA

JUNHO DE 1990

DESTAQUES

2
MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
ORAI SEMPRE
PRESIDENTE EZRA TAFT BENSON

8
MIL EXEMPLARES DO LIVRO DE MÓRMON
THOMAS M. HADLEY

10
GRATA PELA INUNDAÇÃO
RANDI SPURLING

14
FINGI ESTAR DORMINDO
LILLY SWANIGAN

16
INJUSTO DOMÍNIO NO CASAMENTO
ÉLDER H. BURKE PETERSON

29
SER DIFERENTE
RICARDO BATTISTA

30
A LUTA CONTRA A PORNOGRAFIA
R. GARY SHAPIRO

33
FESTA À DISTÂNCIA
JANENE HANSEN

46
O LIVRO QUE ESTAVA NA PRATELEIRA DE MEU ARMÁRIO
CLIFFORD E. COLEMAN

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

24
OH,----!
COLEEN LAYTON

34
"TUDO SEGURO"
JANET THOMAS

40
OS QUINZE MINUTOS SEGUINTES
ÉLDER ROBERT L. SIMPSON

43
O PRESENTE
ANTÔNIO KAULLE

DEPARTAMENTOS

1
COMENTÁRIOS

25
MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES
LEMBRAR-SE DELE GUARDANDO OS CONVÊNIOS

26
PERGUNTAS E RESPOSTAS
TRABALHAR EM EQUIPE
SHERRIE JOHNSON

44
DE TODO O MUNDO

SEÇÃO INFANTIL

4
EXPLORAR
JOGOS DOS PIONEIROS
SUSAN DAVIS

6
A CASA LIMPA DO SENHOR
DEBI MOORE

7
HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON
CONSTRUÇÃO DO NAVIO

8
TEMPO DE COMPARTILHAR
ORIENTAÇÕES DIVINAS
LAUREL ROHLFING

10
O ESPÍRITO SANTO
ANN LAEMMLEN E JACKIE OWEN

12
O PERFUME DOS LILASES
DONNA CARTWRIGHT

16
SÓ PARA DIVERTIR

NA CAPA: FOTOGRAFIA DE JANET THOMAS

MISSIONÁRIO PORTO-RIQUENHO

Fui batizado há três anos na ilha de Porto Rico, no Caribe. Sou muito grato ao Senhor por enviar-me para trabalhar com o povo latino nos Estados Unidos. Cumprir uma missão é uma experiência que todos deveriam ter. Sinto que dedicar dois anos de minha vida à pregação do evangelho é uma forma maravilhosa de servir ao Senhor. Precisamos unir nossos esforços, a fim de que o Reino de Deus possa crescer aqui na terra.

Élder José Tomás Leon
Missão Texas San Antonio

FERRAMENTA MISSIONÁRIA

Aprecio muito *A Liahona* (Português) pois sinto que ela pode ajudar-nos a alcançar um testemunho da verdade do evangelho. Além disso, faz com que me sinta mais próxima das Autoridades Gerais.

Considero a revista uma bênção e um apoio necessário à obra missionária, pois as experiências nela contidas refletem plenamente o amor do Senhor a seus filhos por meio do maravilhoso Plano de Salvação.

Tânia Aparecida Moyano
São Paulo, Brasil

PAÍS MARAVILHOSO

Ser cidadã de um país como o México é uma razão maravilhosa para ser grata ao Pai Celestial. Sou verdadeiramente feliz por ter nascido no México e ver o progresso de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em meu país.

A oportunidade de ter o livre-arbítrio, o direito de adorar a Deus, e um lindo templo são razões suficientes para dizer, "Obrigada, Pai Celestial, por meu belo país e por tudo que nele há."

Sara Mera Garcia
Hidalgo, México

LIVRO DE MÓRMON

Gostaria de que todos os meus irmãos no mundo lessem o Livro de Mórmon, cujo propósito é o de nos ajudar a alcançar a vida eterna e de sermos bem sucedidos aqui na terra.

Sergio Samuel Zavaleta
Reforma, México

AS BÊNÇÃOS DO TEMPLO

Algumas das maiores experiências de minha vida advieram por freqüentar o templo na Cidade do México e pelo sacrifício feito para isso.

Certa ocasião, houve um mal-entendido quanto à hora que o ônibus partiria para uma viagem ao templo e ele já havia saído quando os membros da Igreja chegaram. Oramos e mais tarde conseguimos tomar um outro ônibus. Muitos dos membros tiveram de viajar em pé durante todos os 400 quilômetros e fomos abençoados pelo sacerdócio para termos forças e saúde. Chegamos todos bem e tivemos uma experiência muito espiritual.

Tenho um testemunho quanto à freqüência ao templo. Nada pode impedir-me de freqüentá-lo. Sei que a espiritualidade é maior quando lá estamos.

Francisco J. Reyes Rodriguez
Oaxaca, México

Junho de 1990, Vol. 43, nº 6
PBMA9006PO - São Paulo - Brasil
Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores:
Rex D. Pinegar, Gene R. Cook, William R. Bradford, Francis M. Gibbons, Jeffrey R. Holland
Editor: Rex D. Pinegar
Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L. Knighton
Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:
Editor Gerente: Brian K. Kelly
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente: Ann Laemmlen
Editora Assistente/Seção Infantil: De Anne Walker
Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Produção: Sydney N. McDonald, Reginald J. Christensen, Timothy Sheppard, Jane Ann Kemp
Controlador: Diana W. Van Staveren
Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Paulo Dias Machado
Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato
Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas
Caixa Postal 26023
São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 500,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Rua Aquiles Machado, 5M5J - 1900 - Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00.
Preço de exemplar em nossa agência: **Cr$ 42,00.**
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês.
Impressão: Indústria de Artes Gráficas ATLAN Ltda. - Rua 21 de Abril, 787 - Brás - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price $9.00 a year. $1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Tempie Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

MENSAGEM DA

PRIMEIRA

PRESIDÊNCIA

Orai Sempre

PRESIDENTE

EZRA TAFT BENSON

Durante seu ministério terreno, Jesus nos deu um modelo para a oração: "Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome;

Venha o teu reino, seja feita tua vontade, assim na terra como no céu;

O pão nosso de cada dia nos dá hoje;

E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores;

E não nos induzas à tentação; mas livra-nos do mal; porque teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém" (Mateus 6:9–13).

Ele ensinou ainda que o homem tem "o dever de orar sempre, e nunca desfalecer" (Lucas 18:1).

"Vigiai e orai", disse ele, "para que não entreis em tentação" (Mateus 26:41).

Nesta dispensação, ele admoestou: "Orai sempre, para que o ser perverso não tenha poder sobre vós e não vos remova do vosso lugar" (D&C 93:49).

"ORA SEMPRE E DERRAMAREI O MEU ESPÍRITO SOBRE TI, E GRANDE SERÁ A TUA BÊNÇÃO — SIM, ATÉ MAIOR DO QUE SE OBTIVESSES TESOUROS DO MUNDO" (D&C 19:38).

O Salvador declarou a Joseph Smith: "E em nada ofende o homem a Deus, ou contra ninguém está acesa a sua ira, a não ser contra os que não confessam a sua mão em todas as coisas, e não obedecem aos seus mandamentos" (D&C 59:21).

Temos esta instrução de nosso Senhor ressuscitado, quando ministrava ao povo nefita no Hemisfério Ocidental: "Deveis velar e orar sempre, para que não sejais tentados pelo demônio e dele não vos torneis cativos . . .

Deveis velar e orar sempre, a fim de que vos livreis das tentações; porque Satanás vos deseja para vos peneirar como trigo.

Portanto, deveis sempre orar ao Pai em meu nome.

E tudo quanto pedirdes ao Pai, em meu nome, se pedirdes o que é direito e com fé, eis que recebereis" (3 Néfi 18:15, 18–20).

Eis aqui cinco maneiras de aperfeiçoar nossa comunicação com o Pai Celestial.

1. *Devemos orar com freqüência*. Devemos ficar a sós com nosso Pai Celestial pelo menos duas ou três vezes por dia, "tanto de manhã como a meio-dia e à tarde", conforme indicam as escrituras (Alma 34:21). Além disso, somos aconselhados a "orar sempre" (vide 2 Néfi 32:9; D&C 88:126). Isso significa que nosso coração deve estar cheio de "constantes e fervorosas orações" ao Pai Celestial (vide Alma 34:27).

2. *Devemos encontrar um local apropriado, onde possamos meditar e orar*. Somos lembrados de que esse lugar deve ser "em (nossas) alcovas, em (nossos) lugares secretos e em (nossos) campos" (Alma 34:26). Isto é, deve ser livre de distrações, em segredo (vide 3 Néfi 13:5–6).

3. *Devemos preparar-nos para a oração*. Se não sentimos vontade de orar, então devemos orar até que tenhamos vontade. Devemos ser humildes (vide D&C 112:10). Devemos orar por perdão e misericórdia (vide Alma 34:17–18). Devemos perdoar a qualquer pessoa contra quem tenhamos sentimentos maus (vide Marcos 11:25). Entretanto, admoestam as escrituras, nossas orações serão vãs, se "negardes ao necessitado e ao despido, e não visitardes os aflitos e doentes, nem repartirdes o vosso sustento" (Alma 34:28).

4. *Nossas orações devem ser significativas e apropriadas*. Devemos evitar usar as mesmas frases em toda oração. Qualquer um de nós ficaria ofendido se um amigo nos dissesse as mesmas poucas palavras, diariamente, conduzisse a conversa como se fosse uma obrigação e mal pudesse esperar pelo seu término, para logo poder ligar a televisão e esquecer-se de nós.

É bom usarmos, em todas as nossas orações, os pronomes sagrados das escrituras — *tu, te, teu, tua* — quando nos dirigirmos em oração a Deus, em vez de empregarmos os pronomes mais comuns *você, seu, se, sua*. Dessa maneira, demonstramos maior respeito à Divindade.

Pelo que devemos orar? Precisamos orar pelo nosso trabalho, contra o poder de nossos inimigos e do diabo, pelo nosso bem-estar e pelo daqueles que nos cercam. Devemos aconselhar-nos com o Senhor quanto a todas as nossas decisões e atividades (vide Alma 37:36–37). Devemos estar suficientemente agradecidos para dar graças por tudo o que possuímos (vide D&C 59:21). Devemos confessar sua mão em todas as coisas. A ingratidão é um de nossos grandes pecados.

O Senhor declarou em revelação moderna: "E aquele que com ações de graças, receber todas as coisas, será feito glorioso; e as coisas desta terra ser-lhe-ão dadas, mesmo centuplicadas, sim, até mais" (D&C 78:19).

Devemos pedir as coisas de que precisamos, tendo o cuidado de não solicitar aquilo que seria em nosso detrimento (vide Tiago 4:3). Devemos pedir forças para sobrepujar nossos problemas (vide Alma 31:31–33). Precisamos orar pela inspiração e bem-estar do Presidente da Igreja, das Autoridades Gerais, do presidente de estaca, bispo, presidente de quorum, mestres familiares, membros da família e líderes civis. Poder-se-iam fazer outras sugestões; mas, com a ajuda do Espírito Santo, saberemos sobre o que devemos orar (vide Romanos 8:26–27).

5. *Depois de fazer um pedido por meio da oração, temos a responsabilidade de ajudar na sua concessão*. Temos de ouvir. Talvez, enquanto estamos de joelhos, o Senhor deseje aconselhar-nos.

O Presidente David O. McKay ensinou: "A oração sincera implica em que, quando solicitamos qualquer virtude ou bênção, trabalhemos por essa bênção e cultivemos essa virtude."

Durante toda a minha vida, o conselho de confiar na oração tem sido apreciado acima de quase qualquer outro que eu tenha recebido.

Tornou-se uma parte integrante de mim — uma âncora,

uma fonte constante de força e a base para meu conhecimento das coisas divinas.

"Lembre-se de que o que quer que faça ou onde quer que esteja, você nunca está sozinho", era o conselho familiar de meu pai. Nosso Pai Celestial está sempre perto. Podemos entrar em contato com ele e receber sua ajuda por meio da oração. Descobri que esse conselho é verdadeiro. Graças a Deus podemos entrar em contato e conseguir aquele poder invisível, sem o qual homem algum pode fazer o melhor possível.

Quando eu era um jovem missionário, no norte da Inglaterra, em 1922, a oposição à Igreja tornou-se muito intensa. Tornou-se tão forte, que certa vez o presidente da missão nos pediu que cessássemos todas as reuniões de praça e, em alguns casos, até a prática de bater de porta em porta teve que ser interrompida.

Meu companheiro e eu fomos convidados para viajar para South Shields, a fim de falar na reunião sacramental. O convite dizia: "Estamos certos de poder lotar a capelinha. Muitas das pessoas daqui não acreditam nas falsidades ditas contra nós. Se vocês vierem, estamos certos de que teremos uma ótima reunião."

Aceitamos esse convite e jejuamos e oramos sinceramente a respeito do que deveríamos dizer. Meu companheiro havia planejado falar sobre os primeiros princípios do evangelho, eu havia estudado bastante, preparando-me para um discurso sobre a apostasia.

Quando chegamos, encontramos um maravilhoso espírito na reunião. Meu companheiro falou primeiro e deixou uma mensagem inspiradora. Eu então prossegui, falando com uma fluência que nunca experimentara antes em minha vida. Quando me sentei, compreendi que não havia sequer mencionado a apostasia. Ao invés disso, havia falado a respeito do Profeta Joseph Smith e prestara testemunho de sua divina missão e da veracidade do Livro de Mórmon.

Terminada a reunião vários não-membros se levantaram e disseram: "Recebemos hoje à noite um testemunho de que o mormonismo é verdadeiro. Estamos agora prontos para o batismo."

Isto fora uma resposta a nosso jejum e oração, pois oráramos para dizer apenas o que tocasse o coração dos pesquisadores.

Fui, em 1946, designado pelo Presidente George Albert Smith para ir à Europa, assolada pela guerra, restabelecer nossas missões da Noruega à Africa do Sul e instituir um programa para a distribuição de suprimentos de bem-estar - alimentos, roupas, roupas de cama e assim por diante.

Estabelecemos a sede em Londres, Inglaterra, e então fizemos os preparativos iniciais, com as autoridades militares no continente. Um dos primeiros homens que eu desejava ver era o comandante das forças dos Estados Unidos na Europa. Ele estava sediado em Frankfurt, na Alemanha.

Quando chegamos a Frankfurt, meu companheiro e eu procuramos conseguir uma entrevista com o general, mas seu oficial secretário nos disse: "Senhores, não haverá oportunidade de se avistarem com o general, pelo menos nos próximos três dias. Ele está muito ocupado e sua agenda está completa."

Eu disse: "É muito importante que o vejamos, e não podemos esperar esse tempo todo. Devemos voltar a Berlim amanhã."

Ele redargüiu: "Sinto muito, mas não pode recebê-los."

Saímos do edifício e fomos para nosso carro, tiramos o chapéu e nos unimos em oração. Voltamos então ao edifício e encontramos um oficial diferente no lugar do secretário. Em menos de quinze minutos, estávamos na presença do general.

Tínhamos orado para que pudéssemos vê-lo e tocar seu coração, sabendo que todos os suprimentos de ajuda, de qualquer fonte, eram obrigatoriamente colocados nas mãos do Exército, para distribuição. Nosso objetivo, conforme explicamos ao general, era o de distribuir nossos próprios suprimentos ao nosso povo através de nossos próprios canais, e também fazer doações para a alimentação das crianças em geral. Explicamos o programa de bem-estar da Igreja e como funcionava.

Finalmente, ele disse: "Bem, senhores, prossigam e reúnam seus suprimentos, e, quando os tiverem coletado, pode ser que a norma haja mudado."

Nós redargüimos: "General, nossos suprimentos já foram coletados; eles estão sempre prontos. Dentro de vinte e quatro horas depois que eu telegrafar à Primeira Presidência da Igreja na Cidade do Lago Salgado, vagões de suprimento estarão a caminho da Alemanha. Temos armazéns cheios de suprimentos básicos."

Ele então disse: "Nunca ouvi falar a respeito de um povo com uma visão assim." Seu coração foi tocado, conforme oráramos que fosse. Antes de sairmos de seu escritório, tínhamos autorização escrita para fazermos nossa própria distribuição ao nosso povo, através de nossos próprios canais.

É algo que satisfaz a alma saber que Deus se interessa por nós e está pronto a responder, quando depositamos confiança nele, fazendo o que é certo. Não há lugar para o medo entre homens e mulheres que confiam no Todo-Poderoso, e que não hesitam em se humilhar na procura de diretriz divina por meio da oração. Embora surjam perseguições, embora enfrentemos reveses, podemos, na oração, encontrar confiança renovada, pois Deus sussurrará a paz para a alma. Essa paz, esse espírito de serenidade, é a maior bênção da vida.

Quando eu era um menino do Sacerdócio Aarônico, aprendi um poema de Eliza M. Hickok, intitulado "Oração", que guardo comigo até hoje:

Não sei através de que raros métodos,
Mas isto sei: Deus responde às orações.
Sei que deu sua Palavra,
Que me diz que a oração é sempre ouvida,
E, cedo ou tarde, será respondida.
Assim, oro e espero com calma.
Não sei se a bênção pedida
Virá exatamente como pensei;
Mas deixo com ele a minha oração.
Pois ele é mais sábio do que eu,
E fico certo de que atenderá a meu pedido.
Ou muito melhor resposta me dará. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. O Senhor nos incentivou a orar freqüentemente.
2. As orações devem ser significativas e apropriadas.
3. Depois de orar, temos a responsabilidade de ajudar no cumprimento da oração.
4. O artigo contém passagens das escrituras ou citações que a família poderia ler em voz alta e debater?

Mil Exemplares do Livro de Mórmon

THOMAS M. HADLEY

Era o verão de 1948 e, pela sétima vez, meu companheiro e eu estávamos visitando uma casa em Kolding, Dinamarca. Em cada uma das vezes anteriores, uma senhora de pequena estatura, segurando uma bengala, havia aberto a porta, aceitado nosso folheto missionário, sorrido e, vagarosamente, fechado a porta sem dizer uma palavra.

Decidimos tentar conversar com ela uma última vez. Preparados para a rejeição habitual, ficamos surpresos quando o marido nos atendeu. O nome dele era Marinus Mogensen. Homem amável e curioso, ele fez várias perguntas a respeito dos mórmons.

Meu companheiro, élder Young, falou-lhe a respeito do Livro de Mórmon, o que prendeu sua atenção. Mostramos a ele um exemplar do livro e o desafiamos a lê-lo. Vou ficar muito feliz por ler o seu livro", disse-nos o sr. Mogensen. "Eu leio tudo, e por que não deveria ser o seu Livro de Mórmon? Voltem para me visitar daqui a duas semanas e eu deverei ter lido o livro."

Duas semanas depois, o sr. Mogensen nos contou que havia lido as primeiras noventa e seis páginas e achado que era um livro maravilhoso. "Li cada capítulo várias vezes, e é por isso que demorei tanto", explicou ele. "Este livro é mais do que um romance. É o tipo de livro que exige uma vida inteira para ser lido." Ele nos assegurou que continuaria a ler o Livro de Mórmon e nos pediu que mantívéssemos contato com ele.

Algumas semanas depois, vimos o sr. Mogensen passar pela rua em seu carro. Ele acenou e indicou que queria falar conosco. Ao nos aproximarmos do carro, ele abriu a porta e disse em voz alta: "Élderes, o livro é verdadeiro, sei que é. Acabei de lê-lo, e quero comprar mil exemplares dele."

O élder Young e eu ficamos surpresos. O sr. Mogensen explicou que havia passado muito tempo estudando o Livro de Mórmon e sabia pelo Espírito que era verdadeiro. Ele queria compartilhar com seus compatriotas as grandes mensagens contidas no livro. Perguntou se podia entrar em contato com o presidente da missão para tomar as providências necessárias.

O presidente da missão ficou encantado, e os dois se reuniram para resolver como os livros seriam entregues. O sr. Mogensen reservou vários exemplares do Livro de Mórmon para seus amigos e familiares e deu os outros aos missionários para emprestar aos pesquisadores interessados. Muitas vidas foram abençoadas em conseqüência disso.

Posteriormente, o irmão Mogensen disse ao élder Young e a mim que tivera um sonho muitos anos antes, no qual um rapaz se aproximara dele e lhe dera um livro para ler. Ele o lera e isso lhe dera muita felicidade e alegria. Olhando para o élder Young, ele disse: "Élder Young, você é o homem que vi em meu sonho há muitos anos." □

Thomas M. Hadley é membro da Ala Highland, Estaca Ogden Utah Leste.

"LI CADA CAPÍTULO VÁRIAS VEZES", EXPLICOU ELE. "ESTE LIVRO É MAIS DO QUE UM ROMANCE." MARINUS MOGENSON OROU E RECEBEU UM TESTEMUNHO DO LIVRO DE MÓRMON.

Grata Pela Inundação

RANDI SPURLING

Queridos irmão e irmã Heath,

Vocês não sabem quem eu sou, mas tenho uma grande dívida para com vocês. Minha vida mudou para sempre porque vocês seguiram o conselho do Presidente Benson de "inundar a terra com o Livro de Mórmon". Seu testemunho está na contracapa do Livro de Mórmon que me foi dado por dois missionários em agosto de 1988. Vocês escreveram: "Ele influenciará sua vida como nada o fez antes." Naquele dia de agosto mal podia imaginar como aquelas palavras viriam a tornar-se verdadeiras para mim. Quero contar-lhes minha história.

Meu nome é Randi Spurling e cresci como membro ativo de uma outra igreja. Gradualmente, porém, fui me distanciando de minhas crenças. Quando meu marido deixou nossa família em fevereiro de 1988, levou todo o dinheiro e me deixou com muitas dívidas. O único conforto que eu encontrava era ir à igreja todas as semanas. Eu sentia que precisava da igreja, mas simplesmente assistir às reuniões uma vez por semana não era suficiente para me satisfazer espiritualmente.

Certa noite, durante esse período turbulento de minha vida, ouvi baterem à minha porta. Abri e me deparei com dois jovens de boa aparência, vestidos com camisa branca leve e terno escuro. Eles disseram que eram de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e perguntaram se poderiam falar comigo. Uma vez que Lorrie, minha boa amiga e vizinha, era mórmon, decidi ouvi-los, mesmo que fosse apenas para me ajudar a entender melhor as coisas em que Lorrie acreditava.

Ao observar aqueles dois jovens, lembrei-me de uma conversa que tivera com Lorrie alguns meses antes. Ela me havia perguntado se eu alguma vez pensara em casar-me novamente. Enfaticamente, eu respondera "Não!" porque sabia que se alguma vez decidisse casar novamente, iria procurar um homem que não bebesse, não fumasse, não tivesse outras mulheres, que fosse à igreja, fosse honesto, não blasfemasse e que amasse sua família mais do que os bens materiais. "Homens assim simplesmente não existem", disse eu a ela. "Eu poderia procurar eternamente um homem assim." Lorrie sorriu e explicou que a maioria dos homens que ela conhecia eram exatamente assim. Eu apenas rira.

Agora, eu olhava para aqueles dois missionários e estava curiosa. Por isso, pedi-lhes que voltassem.

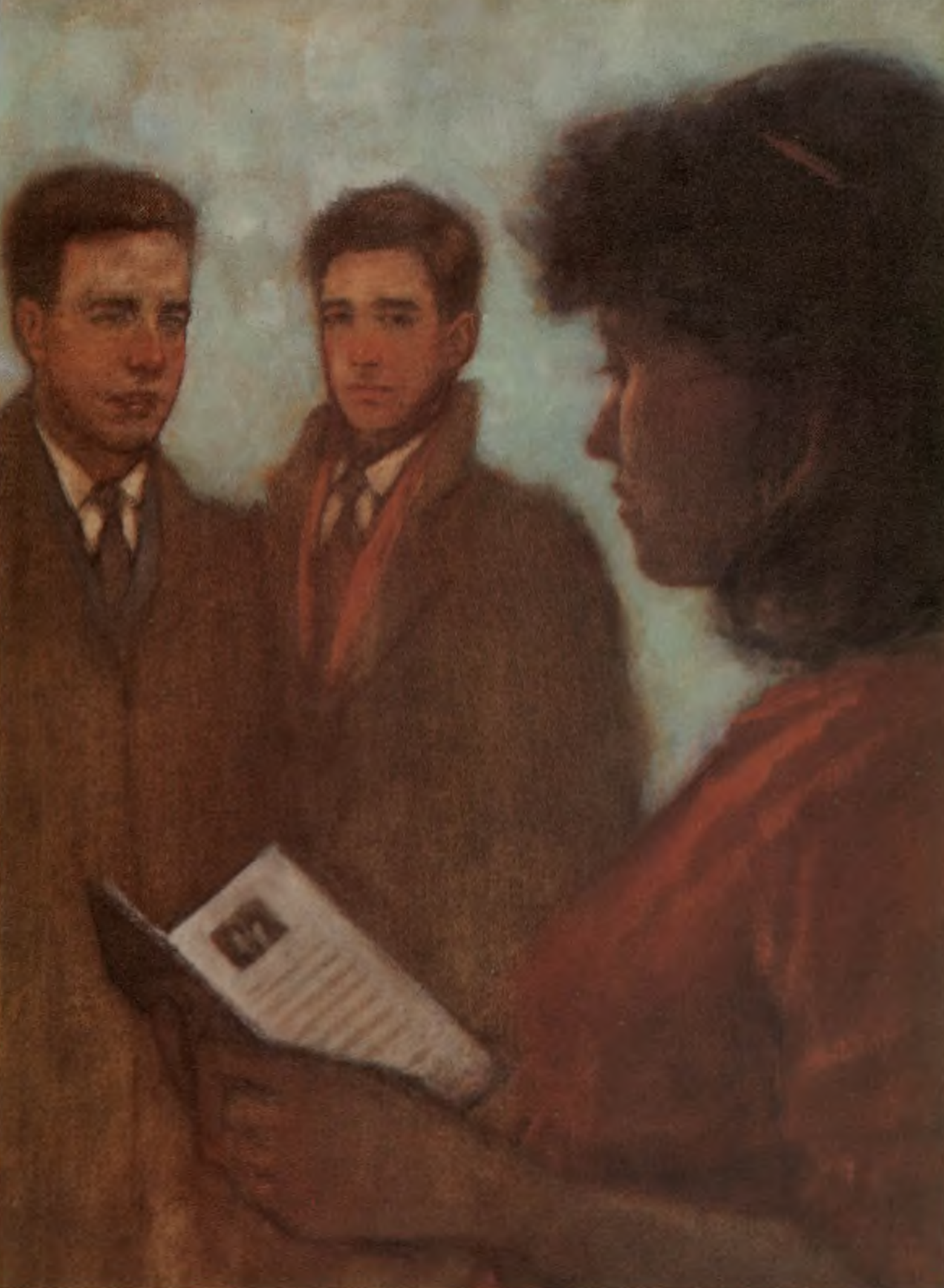
Alguns dias depois, o élder Walker e o élder McAllister me deram a primeira palestra missionária e foi maravilhoso. Deram-me o Livro de Mórmon e pediram que eu o lesse e orasse a respeito dele. Irmão e irmã Heath, aquele Livro de Mórmon trazia o seu testemunho e a sua fotografia. Sua mensagem tocou-me muito.

Na segunda visita dos missionários, tive dificuldade em aceitar a palestra missionária. Eles pareciam estar questionando todas as minhas crenças religiosas. Eles me perguntaram, por exemplo, como me sentia em relação ao batismo. Disse-lhes que já havia sido batizada. Quando explicaram que era necessário ser batizada por imersão, pensei que estivessem loucos. Discutimos o assunto durante o que pareceu ser uma eternidade. Então, o élder Walker calmamente me perguntou se eu gostaria de me ajoelhar com eles e orar. Nunca havia imaginado um homem ajoelhado e orando, especialmente orando por mim. Ajoelhamo-nos e oramos juntos.

Pensando no que os missionários me haviam dito, fiquei triste. Acreditar na mensagem deles significaria que minha vida teria de mudar—e eu não queria mudar. Gostava de minha vida como ela era.

Naquele momento decidi que nunca mais abriria aquele "livro" mórmon e que nunca mais deixaria que os missionários entrassem em minha casa. Naquela noite, porém,

"DERAM-ME O LIVRO DE MÓRMON E PEDIRAM QUE EU O LESSE E ORASSE A RESPEITO DELE. IRMÃO E IRMÃ HEATH, AQUELE LIVRO DE MÓRMON TINHA SEU TESTEMUNHO E SUA FOTOGRAFIA. SUA MENSAGEM TOCOU-ME MUITO."



antes de ir para a cama, sucumbi ao Espírito, abri o Livro de Mórmon e li até não conseguir mais manter os olhos abertos.

Ao pegar no sono, vi-me perambulando, perdida em escuridão total. Eu esfregava os olhos desesperadamente, porque sentia como se estivessem cegos pela areia. Se ao menos eu pudesse achar uma maneira de limpá-los! Fiquei muito feliz por achar um tanque de água limpa. Entrei na água e submergi, de forma que pude limpar toda a areia. Ao sair da água, vi-me cercada por uma luz brilhantíssima. Finalmente, eu conseguia ver claramente! Fiquei muito feliz.

Quando acordei, senti um medo súbito. Os missionários estavam certos! E agora, o que eu iria fazer? Como eu poderia admitir diante deles que agora eu acreditava que o batismo por imersão era necessário? Decidi não contar nada aos missionários a respeito da minha experiência, mas quando nos reunimos para a próxima palestra, o Espírito assumiu o controle e eu, emocionada, descrevi-lhes meu sonho.

Continuamos com as palestras e eu estava ávida do conhecimento que o Livro de Mórmon continha. Muitas noites, li até ficar exausta. Em duas ocasiões, eu simplesmente segurei o livro e chorei, sentindo-me indigna de ler verdades tão preciosas. Sabia que o que estava lendo era verdadeiro, mas ainda não conseguia comprometer-me a mudar de vida. Ainda assim, um Pai Celestial amoroso continuou a dar-me a oportunidade de aprender mais.

Por exemplo, freqüentava as reuniões e atividades da igreja com Lorrie; ouvi as palavras do profeta durante a transmissão da Reunião Geral anual das Mulheres; assisti a uma apresentação em um serão a respeito de Doutrina e Convênios; freqüentei as reuniões de economia doméstica da Sociedade de Socorro; e me familiarizei tanto com o Livro de Mórmon que comecei a reconhecer as suas citações quando eram usadas nos discursos ou nos artigos das revistas.

Eu estava começando a fazer amizade com muitas pessoas que eu encontrava nas reuniões e atividades da Igreja, e estabeleci um relacionamento especial com os missionários, mas tinha medo. Eu tinha medo de me afastar de minha "antiga" vida. Dizia a mim mesma que tinha de romper com essas pessoas agora, antes que me envolvesse mais com elas e com suas crenças.

Quando a sexta e última palestra terminou, fiquei aliviada. Agora eu podia continuar com minha vida e não teria de pensar em coisas com as quais não queria me preocupar. Subestimei, porém, os missionários e os membros. Havia pessoas que viviam os princípios de sua religião dia após dia. Qual era o seu segredo?

Encontrei a resposta em novembro, quando fui convidada para um batismo. Na realidade, nada foi diferente, até o momento em que o élder McAllister entrou na pia batismal para batizar um rapaz. Não pude controlar as lágrimas. Fui tocada pelo Espírito de tal modo que não havia dúvida em minha mente a respeito da igreja à qual precisava pertencer.

Duas semanas depois, os missionários me convidaram para um programa de Natal na Praça do Templo na Cidade do Lago Salgado. Ao assistir e ouvir tudo, percebi que não poderia viver o resto da vida como não-membro que lê o Livro de Mórmon, acreditando que ele é a palavra de Deus, nem como não-membro que acreditando que os santos dos últimos dias levam a vida mais cristã que eu já conheci. Ao olhar ao meu redor, uma voz mansa e delicada me disse: "Este é o seu povo. Junte-se a ele."

No dia seguinte, entrei em contato com os missionários. Disse-lhes que precisava marcar uma data para o meu batismo. Gostaria de ter podido registrar a alegria que percebi em suas vozes. Espero lembrar disso para sempre.

Fui batizada no dia 11 de dezembro de 1988.

Sou grata aos missionários, aos membros da Igreja que encontrei, e a vocês, irmão e irmã Heath, por partilharem seu testemunho e oferecerem a mim, uma estranha, o precioso Livro de Mórmon. O Presidente Ezra Taft Benson disse: "Visiono a terra inundada com o Livro de Mórmon." Sou grata por terem colocado a inundação em meu caminho. Ela não me afogou, ela me edificou. Entendo e aprecio a vida agora mais do que nunca.

Sua irmã na Igreja de Cristo,
Randi Spurling

Um Desafio Aos Membros

"Elogiamos os membros da Igreja que participam do programa do Livro de Mórmon de família a família, colocando sua foto e testemunho dentro de exemplares do Livro de Mórmon. Estes . . . livros têm sido distribuídos por missionários em todo o mundo. Isto está ajudando a trazer dezenas de milhares de conversos à Igreja a cada ano.

Lanço um desafio (a todos) os membros da Igreja a participarem do programa do Livro de Mórmon de família a família – a enviar exemplares do Livro de Mórmon para cumprirem uma missão por vós. Deveríamos enviar milhões de exemplares do Livro de Mórmon aos missionários todos os meses.

Temos um grande trabalho a realizar em muito pouco tempo. Temos de inundar a terra com o Livro de Mórmon . . ."

Presidente
Ezra Taft Benson

Fingi Estar Dormindo

LILLY SWANIGAN,

CONFORME RELATO A ANNIE SMITH

Fiquei lá deitada, revoltada com a falta de consideração de minha família por meus sentimentos. Eu havia dito que não queria que aqueles rapazes viessem à nossa casa e falassem a respeito de Deus. Eu era amarga em relação a religião e havia afastado Deus de minha vida. Eu o culpava por me atingir com esclerose múltipla aos trinta e três anos de idade e por então levar meu pai poucos anos depois, quando eu mais precisava dele.

Quando dois rapazes se ofereceram para falar com minha família sobre religião, eu não queria nada com eles, mas não conseguia sair da sala, e assim, fingi estar dormindo enquanto eles ensinavam minha família a respeito de Jesus Cristo e de um livro chamado O Livro de Mórmon. Quando eles terminaram, um dos rapazes fez uma oração, e depois minha mãe lhes deu permissão para voltarem dentro de poucos dias. Logo que eles saíram, eu disse a ela que não queria nada com religião, e se minha família quisesse ouvir aquela tolice, eu queria ficar em meu quarto enquanto os rapazes estivessem lá.

Os missionários voltaram três dias depois. Apesar de meu pedido, minha família me deixou sentada em uma cadeira na sala. Mais uma vez, fechei os olhos e fingi estar dormindo. Os rapazes entraram, perguntaram se podiam

começar com uma oração, e depois começaram a ensinar. Embora tentasse, era muito difícil impedir que suas palavras penetrassem em meu mundo amargo. Eles falaram a respeito de onde viemos, por que estamos na terra, o que acontece quando morremos, e para onde vamos depois desta vida. Eles também mencionaram três reinos—não o céu e o inferno a respeito dos quais eu sempre ouvira falar.

A palestra toda me fascinou. E ao mesmo tempo, fazia sentido—eu sabia que era verdade. Mesmo em meu estado de amargura e revolta, eu conseguia distinguir o certo do errado, a verdade da ficção.

Abri os olhos e comecei a fazer perguntas. A cada vez que os missionários respondiam, o rosto deles parecia brilhar quando me ensinavam o que sabiam a respeito da vida e da morte. Comecei a fazer-lhes todas as perguntas que sempre tivera sobre religião.

Antes de saírem, eles colocaram o Livro de Mórmon em meu colo. Queria muito lê-lo, mas como a esclerose múltipla havia tirado boa parte de minha visão, tive de esperar impacientemente que minha sobrinha tivesse tempo de lê-lo para mim.

Quando os missionários voltaram alguns dias depois, eu estava emocionada com o que lera, mas tinha uma pergunta muito importante. Os missionários eram caucasianos. Eu me perguntava se todos os membros da Igreja eram brancos e como eles se sentiam em relação à filiação de negros. Os missionários explicaram que aquela era a Igreja de Cristo e todos eram bem-vindos. Quando eles disseram que três famílias negras eram ativas na ala, eu mal podia esperar para ser batizada.

Um ano após meu batismo, depois de muita oração e de muito esforço da parte de membros fiéis da ala, eu pude ir ao Templo de Atlanta para receber minha investidura. Os médicos me aconselharam a não fazer a viagem de cinco horas, mas eu sabia que tinha de tentar.

Há onze anos, quando os médicos diagnosticaram minha esclerose múltipla, deram-me dois anos de vida. Hoje, ainda estou viva, embora esteja totalmente paralisada do pescoço para baixo. Agora, porém, tenho o evangelho, não sou mais amarga em relação à minha doença nem à morte de meu pai. Estou ansiosa pela promessa de Deus da vida eterna se eu fielmente perseverar até o fim. □

Lilly Swanigan e Annie Smith pertencem à Ala Columbus, Estaca Alabama Bessener.

Injusto Domínio no Casamento

ÉLDER H. BURKE PETERSON DO PRIMEIRO QUORUM DOS SETENTA

COMO RECONHECER — MESMO DENTRO DE VÓS — ESSE PROBLEMA SÉRIO E CRESCENTE, E COMO VENCÊ-LO

As cartas e telefonemas que as Autoridades Gerais recebem de esposas fiéis e filhos que sofrem abusos emocionais e físicos em seu próprio lar, continuam a se multiplicar. Seus gritos de socorro são de partir o coração. Suas súplicas e orações são incessantes. É trágico o fato de, com muita freqüência, maridos e pais, até mesmo portadores do sacerdócio, terem no lar um comportamento que não seria aceitável em nenhum outro ambiente social. Sofrimento infinito e vidas destruídas resultam desse comportamento injusto.

Pode-se exercer injusto domínio de muitas formas diferentes. Ele pode ser relativamente suave, quando expresso como crítica, raiva, ou sentimentos de profunda frustração. Em casos mais extremos, no entanto, o injusto domínio pode surgir sob a forma de abuso verbal, físico, ou emocional. Infelizmente, nessas formas menos óbvias, o injusto domínio freqüentemente é ignorado ou não é reconhecido como tal. Este artigo é uma tentativa de ajudar maridos e pais e suas famílias a reconhecerem esse problema doloroso e crescente em nossa sociedade. Reconhecendo e corrigindo essas formas menos óbvias de comportamento inadequado, talvez ajudemos a evitar os comportamentos mais extremosos que possam delas advir.

Naturalmente, o injusto domínio não é um desafio apenas para os homens. Qualquer pessoa — homem ou mulher — que exerça mando ou governo sobre outras pessoas, pode ser culpada de injusto domínio. Todas as mulhres e todos os homens — sejam casados ou solteiros, pais ou não — deveriam aprender e pôr em prática os princípios discutidos aqui. Espero que as idéias e sugestões a seguir possam enraizar-se firmemente no coração crente e aberto de cada leitor que precisa de ajuda.

EXEMPLOS DE INJUSTO DOMÍNIO

Certa esposa escreveu: "Tenho um marido bom e trabalhador, cujo desejo é ver que não me falte nenhuma das coisas materiais da vida. Na verdade, ele devota todas as horas em que está acordado a esse objetivo. Pára apenas o suficiente para dormir e comer, e para ir à igreja no domingo."

O que ela está dizendo, na verdade, é que preferiria ter menos coisas materiais e mais tempo e atenção do marido. Mais ainda, nesse desejo de ser o provedor da família e de ter êxito, esse marido freqüentemente exige perfeição dela, e quando não sente que essa perfeição é atingida, suas expressões transformam-se em crítica. A esposa continua:

"A vida pode ser uma luta muito solitária para as mulheres nestas situações, pois se elas recorrem a outras pessoas, pedindo ajuda, com muita freqüência lhes dizem que mudem sua própria atitude, que amem mais seu companheiro, e que estejam dispostas a fazer ajustes para tornar as coisas melhores. Assim, ela desiste de seus desejos, esperanças e sonhos—que parecem estar perfeitamente de acordo com os padrões do viver reto—em favor de alguém que continuamente a faz lembrar-se de suas falhas, dizendo-lhe que não está atendendo às expectativas. Como uma mulher pode sentir que um dia vai tornar-se o que o Pai Celestial espera dela, se nunca agrada a seu marido, não importa o quanto se esforce?"

Uma outra mulher telefonou. Sua preocupação era que o marido regularmente comprava revistas pornográficas, todas as noites assistia a filmes pornográficos e depois fazia-lhe exigências inapropriadas e ofensivas. Apesar desse comportamento pecaminoso—totalmente desconhecido dos líderes do sacerdócio até o telefonema angustiado da esposa—esse homem havia servido como oficiante do templo.

Certa irmã expressou uma preocupação comum a muitas, quando disse: "Necessitamos muito do apoio, sim, e também da boa vontade dos portadores do sacerdócio, em nosso lar para que deixem de lado seus próprios interesses especiais ocasionalmente, nos momentos em que precisarmos muito da compreensão deles."

Seu comentário enfatiza a situação difícil de mulheres que são casadas, mas que praticamente não têm marido, de filhos que moram com o pai, mas que praticamente não têm pai. Esses maridos e pais têm outras prioridades que colocaram à frente de sua família. Eles afirmam estar envolvidos demais nos negócios e no trabalho diário. Talvez sejam entusiastas do esporte, apaixonados por televisão ou pouco comunicativos. Talvez seja até mesmo servidores "diligentes" da Igreja, mesmo líderes, que passam longos períodos de tempo na igreja, "trabalhando para o Senhor", para escapar dos problemas e pressões da vida doméstica.

Esses exemplos reais de injusto domínio ressaltam o que o Presidente Kimball ensinou: "Os homens freqüentemente não dão o devido respeito às mulheres. Penso, às vezes, que nossas mulheres santos dos últimos dias são 'carentes' apenas porque alguns de nós não somos tão atenciosos e respeitadores para com elas, como deveríamos ser. Nossas despensas poderiam estar cheias de alimento, e nossas irmãs poderiam ainda assim parecer famintas de afeto e reconhecimento" ("Princípios Fundamentais para Se Ponderar e por Eles Viver", *A Liahona*, abril de 1979, p. 64).

Outro exemplo de injusto domínio é quando um pai exige obediência a regras que arbitrariamente estabeleceu. Isto é contrário ao espírito de liderança do evangelho. Na verdade, o homem pode acrescentar um aspecto maravilhoso à sua liderança quando discute as regras com a esposa e os filhos e, assim, todos juntos, estabelecem regras e obedecem a elas.

A liderança autocrática manifesta-se de outras maneiras. As noites familiares foram canceladas em certa família porque seus membros ficaram desanimados com o espírito de contenda e raiva que reinava em cada reunião. O pai, que pode ter estado consciente de sua responsabilidade de ajudar a família a progredir, tolamente usava a maior parte do tempo para descobrir as faltas dos membros da família e para chamar a atenção deles para coisas que sentia que estavam fazendo de modo errado. Havia pouco reconhecimento pelo trabalho realizado ou pelo sucesso obtido. Embora ele fizesse algum esforço para agradar às crianças, não era o suficiente para compensar a crítica negativa.

O MARIDO PRESIDE O LAR

Falando sobre liderança no sacerdócio, o Élder John A. Widtsoe disse: "O sacerdócio sempre preside, e tem de ser assim, em benefíco da ordem. As mulheres de uma congregação ou auxiliar—muitas delas—podem ser mais sábias, ter capacidade mental muito maior, e até mesmo ter maior capacidade natural de liderança do que os homens que as presidem. Isso não significa nada. O sacerdócio não é concedido com base na capacidade mental, mas é dado a homens bons e eles o exercem por direito de um dom divino, invocado pelos líderes da Igreja. A mulher tem seu dom de igual magnitude, e ele é conferido às simples e fracas, assim como às grandes e fortes" *(Priesthood and Church Government*, compilado por John A. Widtsoe, Salt Lake City: Deseret Book Company, 1939, p. 90).

O Presidente Joseph Fielding Smith ensinou que esse relacionamento se estende ao lar. "Nada existe nos ensinamentos do evangelho que declare ser o homem superior à mulher", disse ele. "O Senhor deu ao

homem o poder do sacerdócio e enviou-o a trabalhar no seu serviço. O chamado da mulher está em *outra* direção. *O mais nobre e elevado de todos os chamados é o que foi dado à mulher como mãe do homem. As mulheres não são portadoras do sacerdócio, mas, se forem fiéis e sinceras, tornar-se-ão sacerdotisas e rainhas no reino de Deus, e isto implica que receberão autoridade.* As mulheres não portam o sacerdócio juntamente com o marido, mas colhem os *benefícios* provenientes dele" (*Doutrinas de Salvação*, vol. 3, p. 180; grifado no original).

Os princípios que estamos discutindo se aplicam também aos lares onde o marido não é portador do sacerdócio. O Presidente Kimball explicou: "O marido preside no casamento. No início, quando Deus criou o homem e a mulher, disse à mulher: 'E o teu desejo será para teu marido, e ele te dominará [mas eu gosto da palavra *presidir*]' (Gênesis 3:16)" (*Teaching of Spencer W. Kimball*, p. 316). A esse respeito, é interessante notar a dedicatória na biografia do Presidente Kimball. Diz ela: "Para Camilla Eyring Kimball, sócia igualitária." (Vide Edward L. Kimball e Andrew E. Kimball Jr., *Spencer W. Kimball*, Salt Lake City: Bookcraft, 1977.)

Na ordem dos céus, o marido tem autoridade para presidir o lar. Isso é algo que não pode ser discutido nem mudado. A maneira, porém, *como* ele preside é uma coisa que pode ser revista, avaliada e corrigida, se necessário.

Às vezes, o marido pode acreditar que seu papel como cabeça do lar lhe dá o direito de exigir perfeição e de, arbitrariamente, determinar o que sua esposa deve fazer. Em um lar estabelecido sobre o alicerce da retidão, o relacionamento de um homem com uma mulher deve ser de companheirismo. O marido não deve estabelecer leis. Ao contrário, ele deve conversar com a esposa até que seja tomada uma decisão conjunta, que agrade a ambos.

O homem precisa entender que seu poder de influenciar a esposa ou os filhos para o bem só pode ser exercido com amor, louvor e paciência. Ele nunca pode ser exercido pela força ou pela coerção.

Muitas mulheres têm cargas pesadas, criando os filhos e exercendo as responsabilidades domésticas. Muitas vezes quase fazem milagres para equilibrar todas as coisas exigidas delas. O marido que critica e censura a esposa pelo que ela não fez, ao invés de agradecer-lhe pelo que foi feito, causa desânimo. Se, porém, disser uma palavra de elogio ou oferecer um pouco de ajuda, verá a esposa tentar cada vez mais fazer a sua parte. A crítica tem uma influência negativa sobre os sentimentos de amor e interesse pelo cônjuge. A mulher precisa do amor, da afeição, e do apoio emocional do marido.

Paulo aconselhou: "Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela" (Efésios 5:25). Comentando esse conselho, o Presidente Kimball fez esse importante comentário:

"Vocês podem imaginar o quanto (Cristo) amava a Igreja? Ele considerava importantes todos os seus detalhes. Seu crescimento e cada um de seus membros eram-lhe preciosos. O Salvador dedicou-lhes toda a sua energia, todo o seu poder e interesse. Deu-lhes sua vida — o que mais poderia oferecer? . . . Quando o marido estiver disposto a tratar sua família de idêntica maneira, não somente a esposa, mas também os filhos corresponderão à sua liderança exemplar e afetuosa. Isso será automático. Ele não precisará exigir tal atitude . . .

"Naturalmente, para serem respeitados, os pais têm de merecer respeito: para serem amados, têm de ser coerentes, amáveis, compreensivos e gentis — e têm de honrar o seu sacerdócio" (*Men of Example*, folheto, Salt Lake City: Sistema Educacional da Igreja, 1973, p. 5).

AUTORIDADE E PODER NO SACERDÓCIO

Alguns irmãos não entendem que há uma clara diferença entre a autoridade do sacerdócio e o poder do sacerdócio. Os dois termos não significam necessariamente a mesma coisa. A *autoridade* no sacerdócio é recebida pela imposição das mãos por alguém que tenha autoridade, mas de acordo com a revelação do Senhor, o *poder* no sacerdócio decorre apenas de um viver reto. As escrituras nos dizem:

"Os *direitos* do sacerdócio são inseparavelmente ligados aos *poderes* dos céus, e (que) os poderes dos céus não podem ser controlados nem manipulados a não ser pelo princípio da retidão.

É certo que esse poder pode ser conferido sobre nós, mas, quando tentamos encobrir os nossos pecados ou satisfazer o nosso orgulho, nossa vã ambição, exercer controle ou domínio ou coação sobre as almas dos filhos dos homens, em qualquer grau de injustiça, eis que os céus se afastam; o Espírito do Senhor se magoa; e, quando se afasta, amém para o sacerdócio ou a autoridade daquele

homem" (D&C 121:36–37; grifo nosso).

Esse poder dos céus é o poder para abençoar, fortalecer, curar, confortar, trazer paz ao lar. Estimular e incentivar é poder do sacerdócio. Aqueles que aprendem a desenvolver esse poder receberão o cumprimento das promessas descritas em Doutrina e Convênios 132:20–21:

"Então serão deuses, pois não terão fim; portanto, serão de eternidade em eternidade, porque continuarão; então serão colocados sobre tudo, porque todas as coisas lhes serão sujeitas. Então serão deuses, porque terão todo o poder, e os anjos lhes serão sujeitos.

Na verdade, na verdade te digo, a não ser que guardes a minha lei, não obterás esta glória."

É inerente à "lei" da qual se fala nesses versículos o princípio do justo domínio. Pensai na descrição do poder do homem feita pelo Senhor em Doutrina e Convênios 121:41–42. Essa descrição é dirigida especificamente ao sacerdócio, mas qualquer um que tenha autoridade, particularmente maridos e pais, deveria adotar esses princípios.

Um Homem de Poder é aquele que preside:

Com persuasão. Ele não usa palavras nem comportamento aviltantes, não manipula outras pessoas, traz à tona o melhor em cada pessoa, e respeita a dignidade e o livre-arbítrio de toda a humanidade—homens, mulheres, meninos, e meninas.

Com longanimidade. Ele espera, quando necessário, e escuta a pessoa mais humilde ou mais jovem. É tolerante com as idéias dos outros e evita julgamentos precipitados e a ira.

Com mansuetude. Ele usa o sorriso com mais freqüência do que a carranca. Não é ríspido, veemente, nem assustador; não disciplina com raiva.

Com ternura. Ele não é soberbo, não domina as conversas, e está disposto a ajustar sua vontade à vontade de Deus.

Com amor não fingido. Ele não finge. É sincero, amando honestamente e sem reservas, mesmo quando as outras pessoas são desagradáveis.

Com benignidade. Ele mostra cortesia e amabilidade nas pequenas coisas, assim como nas coisas mais aparentes.

Com conhecimento puro. Ele evita as meias-verdades e procura demonstrar empatia.

Sem hipocrisia. Ele põe em prática os princípios que ensina. Sabe que não está sempre certo e de boa vontade admite os erros e diz "desculpe-me".

Sem dolo. Ele não é hipócrita nem astuto no relacionamento com as outras pessoas; ao contrário, é honesto e autêntico quando fala de seus sentimentos.

ESCRITURAS MAL ENTENDIDAS E MAL USADAS

Com demasiada freqüência, os ensinamentos das escrituras são usados fora de contexto por aqueles que são culpados de injusto domínio. Por exemplo, tomemos Mateus 10:37: "Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a mim não é digno de mim."

Alguns pais e mães mal orientados usam essa escritura como racionalização para o fato de negligenciarem sua família. Como entenderam mal o conceito, usam esse conselho para justificar o fato de passarem muito tempo nas atividades da Igreja. Em muitos casos, eles fazem isso principalmente para receber a honra e a atenção que advém aos que se destacam nos chamados da Igreja. Não é muito provável que o fato de atender às necessidades dos familiares no lar (o que às vezes entra em conflito com as responsabilidades da Igreja) seja notado, muito menos que receba os elogios de outras pessoas.

Naturalmente, o bispo, o presidente de estaca, e outros líderes dão valor aos membros que querem aceitar e cumprir chamados e designações. É assim que deve ser. Infelizmente, alguns líderes cometem o erro de mostrar um certo desdém pelos membros que ocasionalmente cumprem seu dever para com a família ao invés de participar de uma reunião ou de cumprir imediatamente uma determinada designação. Esses líderes têm muito pouca confiança na capacidade do membro de escolher com sabedoria entre duas ações corretas. Às vezes, esses líderes, erradamente, fazem um membro que prefere atender às necessidades urgentes de sua família sentir-se culpado. *Não* é assim que deve ser.

Uma outra escritura mal entendida e mal usada é Doutrina e Convênios 121:43, que diz: "Reprovando às vezes com firmeza, quando movido pelo Espírito Santo; e depois, mostrando um amor maior por aquele que repreendeste, para que não te julgue seu inimigo."

Talvez devamos considerar o que significa reprovar com firmeza. Significa reprovar claramente, firmemente, cheio de amor, com sério intento. Não significa reprovar com sarcasmo, ou com amargura, ou com raiva mal controlada e voz alta. Aquele que reprova como o Senhor orientou, lida com princípios, não

com personalidades. Não ataca o caráter, nem humilha ou rebaixa a pessoa.

Em quase todas as situações nas quais uma correção é necessária, uma reprovação em particular é melhor que uma reprovação em público. A menos que a ala toda esteja necessitando de uma reprimenda, é melhor que o bispo fale com a pessoa individualmente, ao invés de repreender a ala toda. Da mesma forma, um filho ou esposa tem o direito de que seus erros sejam apontados em conversa particular. A correção pública muitas vezes é cruel, ou pelo menos mal orientada.

Brigham Young nos deu uma chave para tornar a reprovação justa possível:

"Se fordes chamado alguma vez para castigar uma pessoa, nunca a castigueis em proporção maior que o bálsamo que tendes dentro de vós para curar . . . Quando tendes a vara que castiga em vossas mãos, pedi a Deus que vos dê sabedoria para usá-la, e que não a useis para a destruição do indivíduo, mas para sua salvação" (Em *Journal of Discourses*, 9:124–125).

Cada marido, cada pai deve fazer algumas perguntas a respeito de si mesmo, para ver se por acaso não está no limite do injusto domínio:

1. Critico meus familiares mais do que os elogio?

2. Insisto em que os meus familiares me obedeçam porque sou o pai e portador do sacerdócio?

3. Busco a felicidade mais no trabalho ou em algum outro lugar do que no lar?

4. Meus filhos parecem relutantes em falar comigo a respeito de seus sentimentos e preocupações?

5. Tento garantir minha autoridade pela disciplina física ou castigos?

6. Surpreendo-me estabelecendo e impondo muitas regras para controlar os meus familiares?

7. Os meus familiares parecem ter medo de mim?

8. Sinto-me ameaçado pela idéia de dividir com outros familiares o poder e a responsabilidade de tomar decisões na família?

9. Minha esposa é muito dependente de mim e incapaz de tomar decisões por si mesma?

10. Minha esposa se queixa de não ter dinheiro suficiente para administrar nosso lar, porque controlo todo o dinheiro?

11. Insisto em ser a fonte principal de inspiração para cada membro da família, individualmente, ao invés de ensinar cada filho a ouvir o Espírito?

12. Muitas vezes me sinto irado ou crítico em relação aos meus familiares? Se a resposta a qualquer dessas perguntas for sim, talvez precisemos avaliar nosso relacionamento com nossos familiares.

Para aquele que possui o sacerdócio, o melhor teste para verificar se está tentando controlar a vida de seus familiares é examinar seu relacionamento com o Senhor. Se um homem sente que a influência do Espírito Santo diminui ou se afasta dele (fato demonstrado por contendas, desunião ou rebelião), ele pode saber que está exercendo injusto domínio.

Infelizmente, a muitos homens poderão ser negadas as bênçãos do céu porque eles não conseguiram entender e seguir o conselho do Senhor em relação ao injusto domínio. Àqueles, porém, que aprendem a disciplinar-se e a dominar o uso justo da autoridade e "(deixam) a virtude adornar (seus) pensamentos incessantemente", o Senhor prometeu:

"Então tua confiança se tornará forte na presença de Deus; e, como o orvalho dos céus, a doutrina do sacerdócio se destilará sobre a tua alma.

O Espírito Santo será teu companheiro constante e o teu cetro um cetro imutável de retidão e verdade; e o teu domínio um domínio eterno e sem medidas compulsórias que fluirá a ti para todo o sempre" (D&C 121:45–46).

Que dia glorioso será esse! □

Oh,

_ _ _ _ _ _ _ !

COLEEN LAYTON

Oh, não! Aquela palavra parecia pular da página e me atingir, e tudo o mais na sala de aula se tornou insignificante. Nossa professora de oratória, excelente, mas severa, acabara de designar trechos para leitura para toda a classe e distribuiu o texto. Percorrendo rapidamente a primeira página, meus olhos pararam quando li aquela palavra!

Bem, eu sabia que Connie fora designada para ler aquela linha do texto. Com poucas exceções, quase todos na classe poderiam ter lido aquela palavra profana sem qualquer constrangimento pessoal. Eu, porém, conhecia Connie. Conhecia seus padrões elevados em todas as áreas de sua vida e sua integridade ao manter esses padrões sem meios-termos. Ela simplesmente exemplificava a pureza, a simplicidade, e a alegria. Pensamentos e linguagem puros eram o seu padrão. Agora, repentinamente, uma professora, que não via nada de errado nesse tipo de linguagem, esperava que ela violasse aquele padrão. O texto já estava sendo lido em voz alta, e eu fiquei imaginando o que ela iria fazer. Então chegou a vez da parte de Connie.

"Oh, *ABÓBORA!*" exclamou ela! A classe, surpresa, de repente começou a rir espontaneamente. Nossa professora olhou rapidamente com uma expressão de surpresa no rosto e por um momento estudou Connie. Vagarosamente, começou a sorrir, quando percebeu que Connie não estava tentando chamar a atenção ou ser engraçada. Connie, porém, continuou simplesmente a ler o trecho que lhe fora designado, como se nada de diferente tivesse acontecido. □

ILUSTRADO POR ROGER MOTZKUS

Lembrar-se Dele Guardando os Convênios

OBJETIVO: "APEGA-TE AOS CONVÊNIOS QUE FIZESTE" (D&C 25:13).

O que é isso que motiva milhares de santos dos últimos dias em todo o mundo a deixar o lar, a escola, e trabalhar para servir como missionários? A dedicar-se a servir no templo, a servir aos outros, particularmente ancestrais falecidos? A criar famílias dignas, fazendo disso sua maior prioridade? A servir de várias maneiras que enobreçam a vida de outras pessoas?

Uma das razões principais é o *convênio*. O convênio é um contrato sagrado e eterno. Pode ser entre Deus e um indivíduo, como por exemplo os convênios que fazemos no batismo, durante o sacramento, ou no templo. Ou pode ser entre Deus e um grupo de pessoas, como por exemplo as promessas de Deus a Abraão e Sara e sua posteridade digna (vide Abraão 2:8–11; Gênesis 17:19). Para cada convênio, o Senhor descreve as bênçãos que podem ser obtidas e as coisas que temos de fazer para merecer essas bênçãos. Podemos decidir se vamos ou não fazer o convênio.

O Senhor nos diz que o Livro de Mórmon é um convênio para que os santos possam "(agir) de acordo com o que escrevi" (D&C 84:57), e ele define o evangelho como o novo e eterno convênio (vide D&C 22:1; 66:2).

Como santos, fazemos muitos convênios. No batismo, nos comprometemos a nos tornar testemunhas do Senhor de que vamos "servi-lo e guardar seus mandamentos" (Mosiah 18:10). A cada domingo participamos

ILUSTRADO POR BETH WHITAKER

do sacramento para testemunhar novamente que desejamos "recordá-lo sempre e guardar os mandamentos que ele (nos) deu" (D&C 20:77).

"Esse convênio deve ser muito importante para o Senhor; se não fosse, ele não pediria que o repetíssemos com tanta freqüência. Se fazemos o mesmo convênio tantas vezes e depois não o guardarmos, o que ele nos vai dizer quando o encontrarmos? Por outro lado, se o guardarmos, vamos conseguir bênçãos que são mais desejáveis que todas as coisas" (Élder H. Verlan Anderson, *New Era*, abril de 1989, p. 6).

Guardar os convênios nos ajuda a nos tornarmos mais semelhantes a Cristo. Por exemplo, Kathleen McGuire, de Lago Salgado, guarda seus convênios ajudando os vizinhos. Mãe de sete filhos, lecionando em tempo integral e muitas vezes cuidando de sua mãe idosa, a irmã McGuire visita regularmente uma irmã que está confinada ao lar, encoraja uma irmã recentemente divorciada, e ouve solidariamente as frustrações da mãe de uma criança com deficiências de aprendizagem.

Guardar os convênios também pode influenciar nossas atitudes em relação ao serviço na Igreja. O Élder Boyd K. Packer, do Quorum dos Doze, conta a respeito de um presidente de estaca desobrigado, que disse: "'Fiquei feliz ao aceitar o chamado para servir como presidente de estaca, e fico igualmente feliz ao aceitar a desobrigação. Não servi apenas porque tinha um *chamado*. Servi porque estou sob um *convênio*. E posso manter meu convênio tão bem servindo como mestre familiar quanto como presidente de estaca.'

As ordenanças e os convênios são nossas credenciais para admissão em sua presença", continua o Élder Packer. "Ser dignos de recebê-los é a busca de toda uma vida; mantê-los daí em diante é o desafio da mortalidade" ("Convênios", *A Liahona*, julho de 1987, pp. 22–23).

SUGESTÕES PARA AS PROFESSORAS VISITANTES

1. Debata como os convênios do evangelho podem orientar nossa vida.

2. Fale sobre seus sentimentos a respeito de como os convênios a ajudaram. Pergunte à irmã que está visitando se ela se sentiria à vontade para falar sobre seus sentimentos a respeito de convênios.

(Vide o Livro de Recursos para a Noite Familiar, pp. 52–55, 56–63, 120–123 para obter materiais correlatos.)

FOTOGRAFIA DE STEVE BUNDERSON

Trabalhar em Equipe

COMO OS LÍDERES DO SACERDÓCIO E DA SOCIEDADE DE SOCORRO PODEM TRABALHAR JUNTOS COM MAIS EFICIÊNCIA?

Perguntas de interesse geral respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.

Sherrie Johnson, presidente da Sociedade de Socorro da Estaca Utah Bountiful Oeste.

Os líderes do sacerdócio e da Sociedade de Socorro com quem falei a respeito deste assunto salientam que duas coisas são importantes para o trabalho em equipe bem sucedido: uma atitude de cooperação e comunicação verdadeira.

Como podemos desenvolver uma boa atitude de cooperação? Um sábio presidente de estaca aconselhou os líderes do sacerdócio e da Sociedade de Socorro a determinarem suas ações perguntando: "O que o Salvador faria?", e não "O que os outros fizeram anteriormente?" Com essa idéia em mente, os líderes das alas examinaram suas "normas" no trabalho em equipe. Várias "tradições" das alas foram examinadas — a primeira, quando o orçamento foi apresentado aos homens para aprovação na reunião do sacerdócio, mas não às mulheres na Sociedade de Socorro.

"O Salvador faria isso?", perguntaram-se os líderes do sacerdócio. Eles decidiram que ele não faria, e então consultaram o *Manual Geral de Instruções*, o qual indica que os orçamentos propostos devem ser discutidos com todos os membros da ala em uma reunião especial. A antiga "tradição" foi mudada, e as irmãs da ala dão um apoio bem maior às atividades da ala agora que estão incluídas no planejamento.

Da mesma forma, quando as líderes da Sociedade de Socorro questionaram a maneira como *elas* estavam agindo, começaram a perceber que muitas vezes estavam planejando e apresentando idéias sem consultar os líderes do sacerdócio. Desta vez *as irmãs* perguntaram "O Salvador faria isso?" Não, decidiram elas — e então resolveram rever, com os líderes do sacerdócio, os projetos que a Sociedade de Socorro estava planejando, antes de levá-los adiante.

O segundo item que pode aumentar a eficiência do trabalho conjunto é a comunicação verdadeira. Em nossa estaca, o presidente da estaca, um de seus conselheiros, o sumo conselheiro responsável pela Sociedade de Socorro, e a presidência da Sociedade de Socorro da estaca fazem uma reunião mensal. Nessa reunião, o presidente da estaca informa a presidência da Sociedade de Socorro da estaca a res-

peito das metas, das novas normas e dos temas que estão sendo focalizados na estaca. Ele pede nossa opinião a respeito das decisões que afetarão os membros da estaca. Nós, por outro lado, falamos com ele sobre nossas metas, informações, sentimentos e problemas. Em muitos casos, essas reuniões provaram valer muito mais do que a hora que passamos nelas! Em uma reunião, o presidente de estaca descreveu sua preocupação e um tema que a estaca planejava usar para tratar do problema. Os oradores do sumo conselho fariam discursos sobre o assunto, que também seria ensinado de outras maneiras durante o trimestre. No decorrer daquela semana, quando nos reunimos para planejar nossa reunião de liderança da estaca, pudemos usar o que o presidente da estaca discutira conosco, de forma que pudemos colaborar com os esforços da estaca em relação ao problema.

Em outra ocasião, incentivamos as presidências da Sociedade de Socorro de ala a lerem o Livro de Mórmon e depois comentamos o que ouvimos com o presidente da estaca. Ele, por sua vez, pôde aproveitar a base que havíamos lançado. É muito bom discutir idéias e planos de modo que tanto os líderes do sacerdócio como da Sociedade de Socorro saibam o que está acontecendo e possam apoiar-se mutuamente.

Recentemente tivemos uma experiência que salientou a importância da comunicação. Nossa estaca recebeu uma designação urgente de bem-estar para enlatar alimentos, e o sumo conselheiro responsável pelo bem-estar recebeu a designação no domingo — mas não a tempo de falar sobre ela em nossas reuniões dominicais. Apenas os bispos foram notificados da designação. Quando participei de uma reunião com as presidentes de Sociedade de Socorro de alas na terça-feira, ouvi comentários como: "Por que eles não nos avisaram com mais de três dias de antecedência? Com certeza eles sabiam da designação há seis semanas."

"Não acho que isso seja verdade", disse eu, mas o fato de não saber se era ou não verdade me deixou em posição incômoda. Senti que as irmãs não estavam satisfeitas naquela reunião. Posteriormente, quando conheci os fatos, soube que muito do que as irmãs haviam dito não estava correto e poderia ter sido corrigido imediatamente, bastando que eu tivesse melhor conhecimento da situação.

Naturalmente, sempre haverá emergências nas quais teremos de fazer o melhor possível, apesar de não sabermos de tudo com antecedência, mas quando houver tempo hábil, é importante que os líderes do sacerdócio informem as líderes da Sociedade de Socorro das atividades e designações com bastante antecedência. Uma vez informadas, as irmãs da Sociedade de Socorro podem ajudar a incentivar a boa vontade e o entusiasmo em uma ala ou estaca. Também é muito importante que as líderes da Sociedade de Socorro sejam dignas de confiança ao lidar com informações confidenciais e devem ser positivas ao apoiar os líderes do sacerdócio. Os mexericos e as palavras negativas afastam a influência do Espírito e devem ser evitados.

Os líderes do sacerdócio também precisam envolver as líderes da Sociedade de Socorro no planejamento e desenvolvimento das atividades regulares — não apenas quando houver o planejamento de jantares ou lanches. Da mesma forma, as líderes da Sociedade de Socorro devem planejar atividades da Sociedade de Socorro para edificar as irmãs espiritual *e* socialmente. As irmãs precisam ver outras mulheres ensinando o evangelho, desenvolvendo seu conhecimento das escrituras, e sendo envolvidas de outras maneiras no desenvolvimento espiritual da ala e da estaca.

Outra maneira pela qual os líderes do sacerdócio e da Sociedade de Socorro podem trabalhar juntos como um time é quando os líderes das auxiliares são chamados para falar nas reuniões, juntamente com oradores do sumo conselho. Da mesma forma, as líderes da Sociedade de Socorro podem trabalhar com eficiência juntamente com seus líderes do sacerdócio quando são convidadas para falar na reunião de treinamento do bispado, na do sumo conselho, e em outras reuniões de liderança do sacerdócio quando uma opinião feminina puder ajudar os portadores do sacerdócio a entenderem melhor as irmãs a quem servem. Tais opiniões ampliam as perspectivas dos portadores do sacerdócio para ajudar a tornar as decisões dos líderes mais eficientes. Quando os líderes do sacerdócio e da Sociedade de Socorro aconselham, trocam informações, e coordenam esforços, desenvolvem-se e crescem os sentimentos de companheirismo e trabalho em equipe. Muito bem é feito, e as frustrações diminuem. O maior bem que pode advir dos líderes do sacerdócio e da Sociedade de Socorro que trabalham juntos com eficiência, é um testemunho para todos de que "nem o varão é sem a mulher, nem a mulher sem o varão, no Senhor" (I Coríntios 11:11). □

SER DIFERENTE

RICARDO BATTISTA

Nem todos reconhecem o caminho para a verdade à primeira vista - especialmente se não estão muito certos daquilo que estão buscando. Eu era uma dessas pessoas.

Não obstante, graças à luz de Cristo que nasce em todos os homens, houve uma boa orientação em minha vida. Fui criado em uma família religiosa que me ensinou a viver por princípios corretos e a buscar o que é justo. Criado dessa maneira, desenvolvi um amor especial a Jesus Cristo, embora não entendesse integralmente a sua missão eterna.

Então, um dia, fui apresentado a Myriam, uma jovem que na época eu conseguia descrever apenas como "diferente" das outras que eu conhecia. Ela irradiava uma beleza interior. Começamos a sair juntos e nos tornamos bons amigos. Apaixonei-me por ela.

Tínhamos um relacionamento bastante aberto e concordávamos em tudo—exceto com respeito à religião. Certa tarde, após discutirmos a respeito de Joseph Smith (que eu não podia aceitar como profeta) e do Livro de Mórmon (a respeito do qual eu era bastante cético), ela me disse que havia sido chamada para servir como missionária na sua estaca.

De modo egoísta, fiquei zangado por ela ter aceitado o chamado e disse-lhe que ela deveria reconsiderar sua decisão ou eu terminaria nosso relacionamento. Fiquei chocado com sua resposta calma e segura. Ela me disse que, se eu realmente a amasse, tentaria entender e aceitar sua decisão e, acima de tudo, apoiá-la. Ela também me convidou a freqüentar sua igreja e tentar descobrir por mim mesmo se era verdadeira.

Ao ponderar as conseqüências de perder a mulher que eu amava, e vendo como a religião era importante para ela, achei que o mínimo que podia fazer era descobrir o que motivara a decisão dela—uma decisão que eu não conseguia entender bem.

A luz da verdade em minha vida aumentou ao entrar na capela no domingo seguinte. Tive a primeira surpresa assim que passei da porta para dentro. Um homem alto e loiro me cumprimentou amavelmente, e se apresentou como bispo da ala. Alguns segundos depois, vários outros membros me cumprimentaram.

Fiquei surpreso com o fato de tantas pessoas poderem expressar um amor tão sincero em nosso primeiro contato. Depois, com o transcorrer da reunião, ouvi pessoas falarem sobre coisas do espírito com uma convicção e eloqüência que eu nunca ouvira antes.

Quando Myriam me perguntou o que eu achara da experiência, não quis admitir que fora profundamente tocado e, então, brinquei um pouco. No entanto, mais luz havia penetrado em minha alma, e eu estava começando a entender por que Myriam e as outras pessoas eram "diferentes".

Eu não me havia interessado em pesquisar outras religiões porque todas elas me haviam parecido muito misteriosas, mas à medida que continuei a freqüentar a igreja com Myriam, as perguntas que tinha a respeito de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias foram todas respondidas. A luz cresceu e, por fim, a trilha levou-me ao batismo e casamento no templo, com a mulher que fora a primeira a mostrar-me o caminho.

Quando jovem, parecia haver muitos caminhos a escolher na vida. Muitos deles poderiam levar à infelicidade. Nunca poderei retribuir ao Senhor a bênção de ter colocado em minha vida uma mulher especial, que me mostrou o caminho para a eterna luz da verdade. □

Ricardo Battista é membro da Estaca Buenos Aires Leste Argentina. Ele e a irmã Battista servem como consultores dos jovens adultos da estaca.

ILUSTRADO POR KEVIN HAWKES

A LUTA CONTRA A PORNOGRAFIA

R. GARY SHAPIRO

QUANDO ESCOLHEMOS O ENTRETENIMENTO PARA NOSSA FAMÍLIA, NÃO PODEMOS SER ORIENTADOS PELA DEFINIÇÃO QUE O MUNDO DÁ À PORNOGRAFIA. OS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS DEVEM VIVER DE ACORDO COM UM PADRÃO MAIS ELEVADO.

Nosso filho de dezessete anos queria assistir a um filme que alguns de seus amigos já tinham visto. Ele leu a crítica no jornal que falava a respeito de "sexo, profanidade, violência e vulgaridade" mostrados no filme.

"Que diferença faz se realmente tiver tudo isso?", disse ele. "Não pode ser pior do que aquilo que eu vejo e ouço todos os dias na escola."

"Pode ser verdade", respondi, "mas isso não significa que você deva ver o filme." Eu então disse que, de acordo com a crítica do jornal, o filme era pornográfico.

"Não é pornográfico, pai", ele argumentou. "O jornal diz que é uma comédia de adolescentes, e eu sou adolescente."

"Sim", eu disse. "Mas você não é um adolescente qualquer. Você tem o sacerdócio de Deus. Por favor, não vá."

Ele não foi.

O QUE É PORNOGRAFIA?

Como pais, achamos bastante proveitoso explicar pornografia para os nossos filhos nos termos simples do evangelho. Costumamos começar com a definição do dicionário, que diz que uma coisa é pornográfica quando é "ofensiva à castidade ou à modéstia". A definição é proveitosa porque os princípios da modéstia e da castidade são facilmente entendidos pelas crianças.

Os santos dos últimos dias têm um padrão claro de modéstia. Ele é definido pelo garment do templo. O gar-

FOTOGRAFIA DE WELDEN ANDERSEN

ment cobre a nudez que não deve estar exposta publicamente. Manter nosso corpo adequadamente coberto é modéstia. Usar roupas insuficientes ou apertadas, reveladoras, é imodéstia. Mesmo quando estamos praticando natação ou atividades esportivas, nossa vestimenta e aparência devem ser modestas, de bom gosto, e apropriadas para a atividade. Conversas desrespeitosas a respeito do corpo ou de suas funções também são uma forma de imodéstia.

A castidade tem a ver com o caráter sagrado do poder de procriação. Esse poder é especialmente sagrado, e deve ser usado dentro dos laços do casamento.

O Senhor se referiu ao corpo humano como um templo. (Vide D&C 93:35.) O templo é um local sagrado, onde o Espírito do Senhor pode habitar. Como um templo, o corpo é sagrado; e o seu poder mais sagrado — a procriação — pode ser comparado à sala celestial do templo. As paredes e o véu do templo oferecem uma barreira de proteção para esse lugar sagrado, a fim de mantê-lo puro. Da mesma forma, o poder de procriação também deve ser protegido por uma barreira — uma barreira de modéstia.

Quando usamos o poder de procriação apenas dentro dos laços do casamento, e quando pensamos nele e falamos dele com reverência, estamos guardando a lei da castidade.

O QUE OS PAIS E OS LÍDERES PODEM FAZER?

1. Reavaliar o que entra no lar e na vizinhança.

Os líderes da Igreja falaram claramente a respeito dos males e perigos da pornografia e sugeriram maneiras de combatê-la. Temos de começar conosco e com nossas próprias famílias.

Outro de nossos filhos recentemente pediu permissão para assistir a um filme que estava sendo apontado pela crítica como a quarta — e supostamente a melhor — versão

de uma determinada história. Minha esposa e eu havíamos visto uma das versões anteriores e havíamos permitido a nossos filhos que também a vissem. Com base nessa nova crítica cinematográfica, poderíamos ter dado ao nosso filho permissão para vê-lo.

Notamos, porém, esta advertência em uma crítica maior: "Infelizmente, o aspecto sexual é tratado aqui . . . de uma maneira que reflete mau gosto, e uma cena em particular pode ser suficiente para conduzir os jovens a uma direção errada . . ."

Esta crítica terminava com a seguinte advertência: "Os pais devem ser avisados de que este não é exatamente um filme para crianças."

Traduzido para os padrões da Bíblia, tratava-se de um filme pornográfico.

E os filmes não são o único problema. Livros, revistas e letras de música podem ser igualmente ofensivos à decência. A opinião da crítica de um jornal ou revista pode ser útil, mas lembremo-nos de que muitos profissionais não aplicam os padrões bíblicos em sua crítica.

Como é triste ouvir cada vez com mais freqüência o seguinte endosso, mesmo de santos dos últimos dias: "É um ótimo filme (ou livro)—com exceção de algumas partes ruins, mas tenho certeza de que você vai realmente gostar!"

Falando aos santos em uma conferência geral, o Élder Wm. Grant Bangerter, do Primeiro Quorum dos Setenta, afirmou que é "ficção o fato de que certas coisas como adultério, pornografia, nudez e libertinagem, não devem ser vistas apenas pelos jovens . . . Estabelecer um limite de idade é pura hipocrisia" ("Vencer a Densa Névoa", *A Liahona*, julho de 1984, p. 52).

Se o material contiver coisas que sejam ofensivas à modéstia ou à castidade, é pornográfico e deve ser evitado. É muito simples.

Um folheto da Igreja escrito na língua inglesa, *How Can I Help in the Fight against Pornography?* (Como Posso Auxiliar na Luta contra a Pornografia?) sugere os seguintes passos para evitar o contato com a pornografia:

* "Estabeleça padrões pessoais e familiares baseados na dignidade humana e no viver sadio."

* "Tenha conversas familiares abertas com as crianças em idade adequada a respeito da pornografia e dos seus perigos."

* "Ressalte a natureza sagrada do corpo humano e a alegria do relacionamento sexual apropriado."

* "Evite lugares onde se sabe que a pornografia existe."

* "Controle e verifique o que se vê na televisão."

* "Escolha filmes e outros entretenimentos baseados em críticas confiáveis."

* "Leia bons livros, . . . e leia-os para seus filhos."

* "Esteja atento para as músicas e letras impróprias. Discuta seu impacto nos jovens e em outras pessoas."

2. Fazer com que nossas vozes sejam ouvidas.

Se um estabelecimento vende ou aluga material pornográfico, fale com aqueles que têm autoridade para fazer mudanças. Conversas calmas e cartas cuidadosamente escritas para os proprietários e gerentes do estabelecimento podem ter efeitos positivos. Se esses esforços não tiverem sucesso, junte-se a grupos da vizinhança, escola ou comunidade para incentivar os estabelecimentos a retirarem o material ofensivo de suas prateleiras.

Cartas para editores de jornais, emissoras de rádio e televisão, publicitários, e legisladores também podem ser eficientes.

É bom que os membros da Igreja se juntem a não-membros em ações coletivas contra a pornografia.

3. Esperar oposição.

Não importa que tipo de atitude escolhamos, podemos freqüentemente medir nossa eficiência pela oposição que encontramos. Não podemos incentivar a retidão sem provocar críticas. O Élder Bangerter advertiu que "como tantos do mundo aceitam (coisas como adultério, pornografia, nudez e libertinagem), se nós resistimos ou (as) condenamos, somos ridicularizados. Somos tachados de pudicos, . . . e farisaicos, como se *nós* fôssemos os pecadores. Somos acusados de maliciosos que não conseguem apreciar a 'beleza e naturalidade' do corpo humano" ("Vencer a Densa Névoa", *A Liahona*, julho de 1984, p. 52).

Algum dia os santos conseguirão estabelecer uma sociedade que seja limpa e pura—uma Sião, à qual o Senhor possa vir. A pornografia, entre outras coisas impuras, terá sido eliminada dessa sociedade. Até lá, tudo que fazemos ou dizemos em apoio à modéstia e à castidade contribui para o eventual estabelecimento dessa Sião. Mesmo quando não vemos resultados imediatos, precisamos ter certeza de que estamos no lado do Senhor nessa questão. □

R. Gary Shapiro é membro da Ala Pleasant Grove 11, Estaca Pleasant Grove Utah Timpanogos.

Festa à Distância

JANENE HANSEN

Certo dia, depois que meu marido, três filhas, e eu havíamos mudado para o outro lado do país, para longe de nossos parentes, recebemos pelo correio uma fotografia do irmão de meu marido. As três meninas o haviam conhecido bem, e, assim, fiquei surpresa ao descobrir que minha filha de três anos não o reconhecera. Estávamos distantes havia apenas seis meses! Este incidente convenceu-me de que precisávamos passar algum tempo conversando com as crianças a respeito de nossos familiares, se quiséssemos que elas crescessem sentindo que os conheciam e que pertenciam a uma grande família. Meu marido e eu decidimos usar parte de nossas noites familiares para isso.

Começamos com a avó de meu marido, que estava prestes a comemorar seu octogésimo primeiro aniversário. Após a aula de nossa reunião familiar na semana anterior ao aniversário dela, dissemos às crianças que alguém muito especial para nós estava prestes a comemorar seu aniversário e que nós iríamos ajudá-la a comemorá-lo. Começamos mostrando várias fotos de vovó, ao mesmo tempo que as ajudávamos a lembrar-se de algumas das coisas que havíamos gostado de fazer com ela no passado. A seguir, meu marido contou algumas das coisas de que lembrava em relação a ela, e das experiências que tivera quando menino na fazenda dela.

Depois, pegamos papel colorido, crayons, e cola, e cada uma das meninas fez um cartão de aniversário para sua bisavó. Meu marido escreveu uma carta falando à vovó de seu amor e apreciação por ela. Colocamos tudo no correio no dia seguinte.

As meninas gostaram da atividade, mas, acima de tudo, aprenderam mais a respeito da bisavó. Aprenderam que, embora esteja tão distante, ela nos ama. Elas aprenderam que é divertido fazer algo bom para uma outra pessoa.

Todos nós aprendemos que é importante reservar um tempo para edificar relacionamentos familiares, e festas de aniversário à distância tornaram-se uma tradição em nosso lar. □

"Tudo Seguro!"

JANET THOMAS

É ISSO QUE OS HABITANTES DA ILHA DE ST. THOMAS DIZEM QUANDO AS COISAS VÃO BEM.

"Eu estava tentando provar que ele estava errado", disse Diahann Piper, recordando a primeira vez que aceitara o convite de um membro para visitar o pequeno ramo SUD em St. Thomas, uma ilha do Caribe.

O irmão Gerald Cox me disse: 'Simplesmente vá e pergunte o que quiser. Ninguém irá forçá-la a filiar-se à Igreja.'"

Diahann foi à igreja esperando o pior, mas o pior nunca aconteceu. "Alguns de meus amigos eram completamente contra a Igreja. Diziam-me todo tipo de coisas terríveis. Quando fui, fiquei esperando para ver tais coisas acontecerem, mas tudo que eu estava vendo era amor e mais amor." Agora Diahann é membro do Ramo de St. Thomas.

St. Thomas, nas Ilhas Virgens americanas, é uma ilha verde e montanhosa, circundada por areia branca. O oceano é quente e azul-esverdeado. As praias têm fileiras de palmeiras que se curvam para dar sombra. Iguanas [lagartos] selvagens passeiam preguiçosamente em busca de seu petisco preferido — as flores vermelhas dos hibiscos. A temperatura nunca é baixa nem insuportavelmente quente. A ilha se qualifica para a definição que muitas pessoas dão de paraíso.

O paraíso, porém, é um pouco úmido. Chove todos os dias. Todos carregam um guarda-chuva o tempo todo. E tudo enferruja.

FOTOGRAFIA DE AUTORO

St. Thomas tem um som e um ritmo bem próprios. O ritmo do calipso de que Diahann e seus amigos tanto gostam está em toda parte — na música que se ouve nas ruas, nas melodias que são cantaroladas baixinho. Está até na maneira como eles falam.

A língua de St. Thomas é o inglês americano, e é isso

que seus moradores falam com os visitantes da ilha, mas quando os jovens de St. Thomas se reúnem, falam uns com os outros como a maioria dos habitantes das ilhas falam, rapidamente, usando uma versão local do inglês. Por exemplo, quando dizem "everything safe" ("tudo seguro"), eles querem dizer que se sentem felizes e seguros.

A filiação à Igreja trouxe algumas mudanças radicais na vida de Diahann. "Tive de mudar minha atitude", disse ela, "meu modo de viver, meus amigos. Eu gostava de ir à praia aos domingos, e usava muito a linguagem vulgar. Tive de mudar. Agora sigo o profeta."

Diahann e outros jovens do Ramo de St. Thomas se reúnem na capela limpa e branca, em uma colina, para falar sobre a conversão de cada um. Diahann, escolhida no curso colegial como miss Fotogênica e miss Popularidade, é quem está falando mais. Quando lhe perguntam o que gosta de fazer para se divertir, a resposta de Diahann é óbvia: "Gosto de falar."

Todos os outros que estão no grupo fazem um sinal com a cabeça, concordando. Marlene Jackson jovialmente diz: "Você gosta mesmo."

Diahann continua a mencionar suas preferências. "Gosto de ouvir o oceano. Gosto de sentir o odor da brisa. Vou à praia e espalho aquela areia bonita por todo o corpo. Gosto de nosso calipso. E toda vez que passo pela capela, tenho de olhar para o alto da colina e dizer: 'Lá está minha linda igreja.'"

A lista de Diahann continua dentro da capela. "Gosto destas cadeiras. Gosto do berçário. Nunca vi uma igreja com carpete, antes. No primeiro dia em que fizemos reuniões, foi surpreendente. Tudo estava tão limpo e tão bonito! Na Igreja todos nos deixam à vontade. Abraçamo-nos quando nos reunimos. Todos são muito amorosos aqui."

Além de Diahann, o irmão Cox levou à Igreja muitos outros jovens. "Achei que o irmão Cox estava louco", disse Theresa Mathis. "Ele me convidou para vir à igreja. Por fim, concordei em vir. Sempre voltava para casa

feliz, mas não contava nada ao irmão Cox."

A irmã de Theresa, Nicole, começou a freqüentar a igreja com ela, e ambas foram batizadas. Theresa pensa de maneira um pouco diferente a respeito do problema de conservar os amigos depois de tomar uma decisão que muda toda a vida, como o batismo. Disse ela: "Não perdi amigos; ganhei amigos." Então, olhando para o grupo reunido em círculo, ela disse: "Ganhei todos vocês."

Jonel Foster, um portador do Sacerdócio Aarônico alto e sério, que tem grande desejo de sair em missão, também foi levado à Igreja pelo irmão Cox. "Também pensei que o irmão Cox estivesse meio louco, mas minha mãe disse que a gente tem de ouvir antes de julgar. Eu já acreditava em Cristo. Agora acredito inteiramente. Minha crença é realmente sincera."

Jonel foi batizado no oceano. "Foi o dia mais feliz de minha vida", disse ele. "Sentia-me puro. Sentia que era o que eu tinha de fazer. A Igreja é uma força motivadora em minha vida. Se você escrever alguma coisa do que estou falando, quero que escreva isto: sei que a Igreja é verdadeira."

Vários jovens foram trazidos para a Igreja de outras maneiras. A família de Marlene Jackson foi atraída por uma série de comerciais na televisão, produzidos pela Igreja. "Queríamos simplesmente ser como aquelas pessoas dos comerciais", disse Marlene. Ela, sua mãe e seu irmão aceitaram o desafio dos missionários para serem batizados.

Beth Bowels, membro da Igreja há muito tempo, mudou-se para St. Thomas com seus pais e viu o programa da juventude no ramo crescer. Ela se lembra de quando a irmã Keele, esposa do presidente do ramo, começou o seminário para o grupo. "O seminário ajudou muito", disse Beth. "Realmente aprendi mais a respeito daquilo em que acredito."

Para os jovens do Ramo de St. Thomas, aprender sobre o evangelho trouxe alegria à vida deles. Sabem com toda a certeza que Deus os ama e que podem arrepender-se e voltar para ele. Querem compartilhar o que sabem com outras pessoas. E é este conhecimento que torna "tudo seguro". □

OS QUINZE MINUTOS SEGUINTES

ÉLDER ROBERT L. SIMPSON
AUTORIDADE GERAL EMÉRITA

Parecia uma manhã de domingo como outra qualquer. Parecia uma reunião do quorum dos diáconos como a maioria das outras nas semanas anteriores. O que aconteceu, porém, nos quinze minutos seguintes foi extraordinário para mim, um rapazinho de doze anos que ainda estava sob a influência do que acontecera na quinta-feira anterior.

Motivado por um líder de missão entusiasta que falou sobre o Livro de Mórmon na reunião sacramental, eu me sentira compelido a dar um exemplar do Livro de Mórmon para meu melhor amigo e colega de escola. A decisão não foi fácil. E se meu amigo não o aceitasse? E se ele o aceitasse, mas rejeitasse a sua mensagem? E se ele pensasse que eu era uma espécie de fanático religioso? E, pior que tudo isso, se minha atitude estragasse nossa amizade?

O poderoso testemunho de Néfi a respeito de obediência me havia dado coragem: "Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor" (1 Néfi 3:7). Haviam-me ensinado que todo membro deve ser um missionário. Assim, no dia seguinte, eu dei a ele o livro durante o intervalo para o almoço, preenchido com meu testemunho de que era verdadeiro, de que ele continha um relato do aparecimento de Cristo para um povo antigo bem aqui na América, e de que ele traria um entendimento ainda maior da Bíblia. Meu amigo recebeu o livro de bom grado e com a promessa de lê-lo. Fora uma conversa normal entre dois jovens amigos que tinham confiança e compreensão mútuas.

Dois dias depois o livro foi devolvido. "Você já o leu?", eu havia perguntado.

"Não, e não vou lê-lo."

"Por que não?", foi minha pergunta ansiosa.

"Porque meus pais não vão permitir e, depois do que aconteceu na noite passada, concordo com eles."

"O que aconteceu na noite passada?"

"Se você se encontrar comigo depois das aulas", ele disse, "vou mostrar-lhe."

Depois da escola ele me levou diretamente à biblioteca pública, e depois à seção da biblioteca com o cartaz "Religião", o mesmo lugar para onde ele fora levado na noite anterior por seus pais. De uma prateleira ele tirou o maior volume de todos, intitulado *Religiões do Mundo*. Abrindo na página de rosto, ele primeiro me mostrou a lista de autores. Devia haver uma lista de pelo menos doze educadores, teólogos e eruditos eminentes. Qualquer um ficaria impressionado. Com certeza era uma compilação bem documentada das religiões mais conhecidas, escrita por pessoas qualificadas.

Meu amigo então abrira o livro na seção intitulada "Mormonismo". Depois de ler durante alguns segundos apenas, eu ficara muito chocado ao encontrar idéias como: "O Livro de Mórmon é uma fraude", "Joseph Smith foi enganado e tinha alucinações", e "A história toda da restauração do Livro de Mórmon é feita de falsidades, engodo e idéias forjadas." Fiquei completamente arrasado com o que li.

Teriam meus pais escondido algo de mim durante todos aqueles anos? Teriam o bispo e os professores da Escola Dominical deixado de contar-me toda a verdade? Fiquei ali, parado, sentindo que havia perdido o alicerce de minha vida, pois eu amava a Igreja. Eu sentira que o Sacerdócio Aarônico que me fora conferido havia apenas alguns meses era muito importante. Meu conhecimento da Igreja parecia estar ruindo em alguns minutos apenas — afinal, era o maior livro da prateleira e as qualificações dos autores pareciam boas demais para duvidar do que eles escreveram.

Eu não falara a ninguém a respeito da grande mágoa em meu peito — nem mesmo a meus pais. Tinha de pensar a respeito daquilo durante alguns dias. Falei a meu Pai

Celestial a respeito da minha preocupação e frustração, pois ele era o centro de minha fé infantil. Eu chegara mesmo a pensar no Profeta Joseph Smith, quando seus adversários tentaram ridicularizar sua experiência extraordinária no Bosque Sagrado. Ele disse: "Eu o sabia, e compreendia que Deus o sabia, e não podia negá-lo, nem ousaria fazê-lo; pelo menos eu sabia que, procedendo assim, ofenderia a Deus, e estaria sujeito a condenação" (Joseph Smith 2:25).

No domingo, três dias após minha experiência perturbadora na biblioteca pública, eu estava naquilo que parecia uma reunião comum do quorum dos diáconos. O que aconteceu, porém, nos quinze minutos seguintes foi extraordinário para mim.

Após a oração de abertura, fomos apresentados ao irmão Corbridge, do sumo conselho da estaca. O irmão Corbridge nos disse que ele e sua família haviam acabado de chegar de uma viagem de férias maravilhosa, que incluíra uma visita aos locais históricos da Igreja, o Monte Cumorah e o Bosque Sagrado perto de Palmyra, Nova York. Depois, ele nos contou com pormenores a respeito da experiência de sua família no Bosque Sagrado. Uma inequívoca manifestação do Espírito havia acontecido com eles para confirmar sem qualquer dúvida a veracidade do que acontecera lá, naquela manhã da primavera de 1820, quando Deus, o Pai, e o Salvador apareceram a Joseph Smith.

Então, em resposta às minhas insistentes, mas humildes, orações, a inspiração do Espírito Santo começou a fluir em minha mente, à medida que o irmão Corbridge nos falava com emoção a respeito da experiência de sua família. Fiquei maravilhado com o fato de um homem de negócios, bem vestido e bem sucedido, não ter vergonha de estar lá, com lágrimas nos olhos, falando de seus sentimentos mais profundos para um grupo de jovens diáconos. Sei agora que ele foi enviado pelo Senhor para dizer algo que se destinava especialmente para mim, um menino de doze anos, portador do Sacerdócio Aarônico que orou fervorosamente e que precisava urgentemente de ajuda.

A experiência do irmão Corbridge, no Bosque Sagrado, tornou-se uma experiência minha. O dom do Espírito Santo manifestou-se de tal forma, que mesmo hoje, sessenta anos depois, posso prestar testemunho como se realmente tivesse estado lá e observado por mim mesmo aquela extraordinária experiência que chamamos de a Primeira Visão e posso testificar que o Livro de Mórmon é verdadeiramente a palavra de Deus.

Sim, o Pai Celestial ouve mesmo as orações de seus jovens, e muitas vezes envia nossas respostas por intermédio de seus líderes do sacerdócio designados e de outras pessoas boas. Que possamos ouvir bem quando eles nos falam. Que nossos pensamentos e ações sejam de modo a convidarmos a inspiração confirmadora do Espírito Santo a entrar em nosso coração e nossa mente. Serei eternamente grato pelo testemunho confortador que obtive quando era um rapazinho portador do Sacerdócio Aarônico. □

ILUSTRADO POR PERRY VANSHELT

O PRESENTE

ANTÔNIO KAULLE

Enquanto caminhava pela estrada empoeirada no interior do Brasil, minha mente voltou a um dia em minha infância. Agora eu era membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e estava servindo ao Senhor como missionário. Mas o cenário fez minha mente voltar a uma tia amorosa, a um dia maravilhoso e a uma promessa.

Tia Rocilda e sua família moravam em uma grande fazenda. Nossos parentes distantes eram muito importantes para nós e adorávamos visitar tia Rocilda. Como um dia no campo era um dia longe das pressões da vida diária, eu sempre ansiava por nossa visita ao campo — especialmente à fazenda de tia Rocilda. Eu tinha certeza de que uma de suas maiores alegrias era fazer-me feliz.

Certo dia, eu havia brincado muito e aproveitado cada oportunidade de desfrutar da fazenda. Tia Rocilda me dera um peixe para levar para casa e parecia que ela havia demonstrado seu amor como nunca naquele dia.

Ao me preparar para partir, eu a abracei e lhe fiz uma promessa; queria de alguma forma recompensá-la por seu amor cristão. "Algum dia", disse com a sinceridade das crianças, "irei a São Paulo e trarei um grande presente para a senhora."

Enquanto crescia, o sonho de ir a São Paulo nunca se desvaneceu, mas a lembrança de minha promessa sim. Certo dia, fiquei sabendo que tia Rocilda havia morrido. Ao chorar, lembrei-me da promessa feita a ela e lamentei nunca ter ido cumpri-la.

Eu, porém, realmente fui a São Paulo, e lá encontrei dois missionários SUD. Depois de ser batizado, esforcei-me para cumprir uma missão e receber as bênçãos do templo. Ao entrar no Centro de Treinamento Missionário em São Paulo, lembrei-me de minha tia. Qual seria o maior presente que eu poderia dar-lhe? Desejei compartilhar as bênçãos do evangelho com tia Rocilda, e tomei as providências para que as ordenanças do templo fossem feitas em seu nome.

Embora tia Rocilda não tenha recebido o "grande presente" nesta vida terrena, sinto que ela aceitou o maior, o presente eterno. □

Casais Filipinos Chamados

Manila, Filipinas — Os primeiros casais missionários filipinos estão agora cumprindo missão em sua terra natal.

Élder e sister Carmilino Cawit servem na Missão Filipinas Davao e élder e sister Ramon Mariano servem como missionários no Templo de Manila.

Élder Cawit, 66, foi presidente da Estaca Cadiz antes de seu chamado. Ele e sua esposa, Alicia Lim, são funcionários públicos aposentados. Membros da Ala Quezon 5, élder Mariano, 34, e sua esposa, Annabelle Asilo, eram artistas profissionais na época de seu chamado.

Programa de Rádio sobre Concertos na Suécia

Vasterhaninge, Suécia — Um público de 100 a 150 pessoas reúne-se na capela de Vasterhaninge, nos jardins do Templo da Suécia, todos os domingos à noite para um programa musical apresentado pelos membros locais da Igreja. Os programas incluem corais adultos e infantis, e solistas que interpretam músicas clássicas e líricas adequadas ao Dia do Senhor, relata Bo G. Wennerlund, diretor de Comunicações Públicas sueco.

"Isto tornou-se um dos principais eventos culturais de toda a comunidade", explica Wennerlund. "Líderes da comunidade têm assistido a vários concertos." Jornais e estações de rádio anunciam os programas regularmente. Em setembro, os concertos começaram a ser gravados e são agora transmitidos pelo rádio às segundas-feiras pela manhã.

Primária da Costa do Marfim

Abidjan, Costa do Marfim — A primeira apresentação de quatorze crianças da Primária na reunião sacramental em Abidjan incluiu três crianças não-membros.

"Para a maioria das crianças, esta foi a primeira experiência que tiveram na apresentação de um programa", diz Chirley Arnold, que mora em Abidjan com o marido e três filhos: Crystal, Spencer e Sarah. "Somos uma pequena unidade da Igreja com cerca de setenta e oito membros. Por haver muito poucas crianças, algumas tiveram três ou quatro papéis no programa."

A apresentação foi em francês, língua oficial da Costa do Marfim. Uma vez que a versão francesa da apresentação da sacramental, produzida pela Igreja, não estava disponível, foi feita uma tradução do inglês pelos Arnold e por Pangu Okito, um membro local. Terry Broadhead traduziu duas estrofes adicionais da canção, "Histórias do Livro de Mórmon", que as crianças alegremente acompanharam com gestos.

Sacrifício para Servir

São Paulo, Brasil — A cada dia, grupos maiores de missionários locais vêm sendo preparados no centro de treinamento em São Paulo, Brasil, relata o Presidente C. Elmo Turner. Presidente Turner e sua esposa, Lois, contam que muitos missionários fazem grandes sacrifícios para servir. Um rapaz recusou um aumento de 120% em seu salário e uma bolsa de estudos, para cumprir uma missão, e um outro vendeu um grande caminhão que utilizava em seu negócio para financiar a missão. Uma irmã advogada, deixou seu movimentado escritório de advocacia para aceitar um chamado missionário.

Presidente e sister Turner dão a cada missionário um exemplar do Livro de Mórmon para entregar a um pesquisador quando eles deixam o centro de treinamento. Muitos dos livros foram doados através do Programa do Livro de Mórmon de

José Evandro Pontalti, está cumprindo missão em São Paulo, Brasil.

família a família, disse o Presidente Turner.

Jogador de Futebol Escolhe Missão

São Paulo, Brasil—José Evandro Pontalti estava prestes a realizar o sonho da maioria dos meninos brasileiros de tornar-se jogador de futebol profissional, quando decidiu cumprir uma missão de tempo integral.

Pontalti jogava em um time de futebol amador em Cambará, quando o técnico do time, o irmão Alcides dos Santos Gonçalves, lhe falou sobre a Igreja. Irmão Gonçalves discutia sobre a Bíblia, relações familiares, e assuntos semelhantes com o time. Então ele mudou de cidade.

Pontalti começou a ler o Livro de Mórmon e em breve obteve um testemunho. Como a Igreja não estava organizada em Cambará, ele teve de viajar para Bauru, cidade próxima a São Paulo, para ser batizado.

Enquanto estava em Bauru, participou de um campeonato de futebol, foi considerado o melhor jogador do time, e recebeu uma oferta do Clube de Regatas Flamengo, um time profissional. Após alguns meses como jogador reserva do time, e preparando-se para tornar-se profissional aos vinte e um anos de idade, ele decidiu cumprir uma missão. Apesar dos argumentos do dirigente do clube e dos técnicos de que ele poderia estar desistindo de uma carreira promissora, Pontalti não mudou de idéia.

Embora algumas pessoas não entendam sua decisão, o élder Pontalti diz, "Estou muito feliz por estar servindo na Missão São Paulo Sul."

Serviço e Amor

Badalona, Espanha—Serviço e amor não podem ser separados quando se fala a respeito das jovens da Ala Badalona, Espanha, um subúrbio de Barcelona.

A organização das Moças assegura-se de que cada jovem seja avisada sobre todas as atividades, embora a maioria delas não tenha telefone e more a mais de 48 quilômetros da capela. Se por acaso uma jovem falta, as demais procuram saber se ela está com algum problema.

Seu serviço não se restringe aos membros da Igreja. As jovens concordaram em ajudar uma clínica para deficientes (crianças e adultos). Sara Lopez Garrido, 15, repete os pensamentos das outras jovens, quando diz: "Estava apavorada no início porque não sabia como reagiria, mas em breve percebi o quanto essas pessoas necessitam de amor. Isso tem me ajudado a ser uma pessoa melhor pela dedicação de meu tempo e envolvimento em sua vida."

O evangelho tem abençoado a vida dessas jovens, e elas estão abençoando a vida de outros através de amor e serviço. □

***NOTA DO REDATOR:** Você tem uma reportagem de destaque a respeito do que os membros ou a Igreja estão fazendo em sua área? Compartilhe-a conosco, enviando sua notícia para: Around the World,* **International Magazines,** *50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150, USA. Inclua o nome completo das pessoas na história, bem como a ala e estaca a que pertencem. Inclua também seu nome e endereço completo.*

ILUSTRADO POR RICHARD HULL

O Livro Que Estava na Prateleira de Meu Armário

CLIFFORD E. COLEMAN

"O QUE ESTE LIVRO ESTÁ FAZENDO COMIGO?" EU ME PERGUNTAVA. "É DO DEMÔNIO OU É DE DEUS?"

Há muitos anos, dois missionários SUD me visitaram em Marshall, Texas, mas eu educadamente lhes disse que não estava interessado. Tinha medo de não saber o suficiente a respeito da Bíblia para ser capaz de julgar o que eles me estavam dizendo, e tinha muito receio de que me pedissem que orasse. Eles deixaram um Livro de Mórmon comigo, mas quando o abri e vi nomes de que eu nunca havia ouvido falar—como Léhi, Néfi, e Alma, imediatamente o fechei, coloquei-o na prateleira do armário e o esqueci.

Com o passar dos anos, mal pensara em religião e em assuntos espirituais. Certa noite fiquei preocupado com a maneira como estava vivendo. "Se realmente há um Deus", pensei, "quero saber". Decidi fazer um esforço honesto para descobrir e as escrituras eram o melhor lugar para começar.

Comecei estudando o Novo Testamento e freqüentando uma igreja protestante. Gostei do que lá aprendi, mas alguma coisa me incomodava. Em Efésios 4:5 lemos a respeito de um Senhor, uma fé, e um batismo—e no entanto eu tinha amigos de várias seitas que pareciam contentes com suas crenças. Eu me perguntava como é que todos eles podiam estar certos. Quando lhes falava sobre isso, eles apenas riam. "Não importa o que você crê", diziam eles, "contanto que aceite Cristo como seu Salvador pessoal."

Não me sentia à vontade em relação a esse conceito e tentei achar a resposta nas escrituras, mas eu não estava obtendo resposta nenhuma, e fiquei triste. Por que a Bíblia simplesmente não dizia qual igreja estava certa? Depois procurei na enciclopédia para ver se poderia achar a resposta. Se eu descobrisse quando as diferentes igrejas haviam sido organizadas, raciocinava, talvez isso pudesse ajudar. Mais uma vez fiquei desapontado.

Então, um dia, encontrei o livro que eu havia colocado na prateleira do armário anos antes. E comecei a lê-lo. Desta vez eu o achei interessante—tão interessante que comecei a falar a respeito dele para meus amigos no trabalho. Estivesse eu em casa, no trabalho, ou no cinema, não conseguia tirá-lo da cabeça.

Quando cheguei ao ponto em que tinha de saber se o livro era realmente de Deus ou do diabo, pensei em orar a respeito dele, mas tinha medo de ser enganado. Então li a escritura em Morôni 10:4–5, onde nos é dito que devemos orar a respeito do que lemos no Livro de Mórmon. Eu ainda tinha medo de que a resposta pudesse vir de Satanás, mas então uma escritura da Bíblia veio à minha mente e aliviou essa preocupação:

"E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra?

E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente?" (Mateus 7:9–10.) Sei que a resposta que recebi veio realmente de Deus.

Depois de ter lido e estudado durante bastante tempo, pensei: "Fico imaginando se meu ministro gostaria de ouvir a respeito deste livro." Tinha certeza de que ele não sabia a respeito dele porque nunca o mencionara. Para minha surpresa, ele não se interessou. "Clifford", disse ele, "evidentemente você ainda não se sente salvo". Assim, ajoelhamo-nos em seu escritório e oramos. Quando nos levantamos, ele olhou para mim como que para dizer: "Agora está tudo bem."

Eu disse: "Não me sinto nem um pouco diferente agora do que me sentia antes de nos ajoelharmos."

"Você não acredita nas escrituras que dizem que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo?", perguntou ele.

"Sim", eu disse, "mas não consigo deixar de me sentir como me sinto." Saí, contrariado, pensando que havia falhado porque não conseguira fazê-lo entender o que eu estava sentindo a respeito do Livro de Mórmon.

Continuei a ler e a estudar. Às vezes eu tinha de parar. É impossível descrever a angústia mental por que passei nesses dias. Eu *tinha* de saber se esse livro era verdadeiro. Eu consultava a Bíblia, e depois o Livro de Mórmon - um e depois o outro, estudando e comparando.

Decidi falar novamente com meu ministro. Em determinado momento, durante a longa discussão, perguntei-lhe o que acontece com as pessoas que morrem sem nunca ouvir o Evangelho de Jesus Cristo. Ele me olhou bem nos olhos e disse: "Clifford, elas morrem e vão para o inferno." Mais uma vez, estava deprimido quando o deixei.

Então, um dia lembrei-me de que os missionários que me deram o Livro de Mórmon me haviam dito que o presidente do ramo SUD local possuía um negócio na cidade e que, um dia se eu tivesse qualquer pergunta, poderia procurá-lo. Visitei o presidente Murray Conley, fiz algumas perguntas, e fiquei satisfeito com as respostas.

Mais tarde, alguns membros de minha igreja visitaram-me e informaram-me que eu estava sendo enganado. Na noite seguinte, o ministro e sua esposa vieram visitar-me. Quando pedi a ele que me explicasse Malaquias 4:5–6, ficou nervoso e me disse que eu havia sofrido uma lavagem cerebral por parte dos mórmons e não havia mais nada que ele pudesse fazer.

Certa noite, li 3 Néfi 14:13–14: "Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta e espaçoso o caminho que leva à perdição, e muitos são os que por ela entram;

E porque estreita é a porta e apertado é o caminho que leva à vida, sendo poucos os que a encontram."

Levantei-me da cadeira e fui andar lá fora. Sozinho, no escuro, via-me em pé na estreita porta citada nas escrituras, dando um passo para frente e outro para trás, com medo de entrar. Percebi naquele momento que tinha encontrado o caminho. O Senhor falou comigo naquela noite, não como nós falamos uns com os outros, mas com uma voz mansa e delicada que dizia: "o que você vai fazer a esse respeito?"

Procurei de novo o presidente Conley, para dizer-lhe que queria ser batizado, mas ele estava na Cidade do Lago Salgado. Achando que só o presidente do ramo tivesse autoridade para batizar, saí, pretendendo voltar uma semana depois.

Durante aquela semana, Satanás colocou outra pedra de tropeço em meu caminho — mais dúvidas. "Tenho de começar tudo novamente?" perguntava-me. Depois de lutar com minhas dúvidas por três dias, comecei a ler um livro que o Presidente Conley me havia dado — *A Verdade Restaurada*, do Presidente Gordon B. Hinckley. Ao lê-lo, o Espírito que me havia prestado testemunho da veracidade do Livro de Mórmon, também me prestou testemunho de que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias era a verdadeira igreja do Senhor.

Quando o presidente Conley voltou da Cidade do Lago Salgado, disse-lhe que eu queria ser batizado. Quando nos dirigíamos para Gilmar, Texas, para o meu batismo no dia 19 de outubro de 1970, perguntei a ele: "Entendi corretamente o que li nas escrituras que dizem que só porque sou batizado não estou salvo, mas tenho de perseverar até o fim?"

Ele disse: "É exatamente isso."

Chorei durante todo o caminho para o meu batismo. Sentia com certeza absoluta que a Igreja era verdadeira. Depois do batismo, sentia uma convicção dez vezes maior.

Muitas vezes depois disso eu me perguntei: "Por que eu? Por que é que eu sei a verdade, enquanto muitos que são bons cristãos não a conhecem?" E uma escritura sempre me vem à mente: "Buscai, e achareis: batei, e abrir-se-vos-á" (Lucas 11:9).

Algumas semanas depois de ter sido batizado, tive o privilégio de receber mais um testemunho do Espírito Santo, mais forte que os anteriores. Certa madrugada, por volta das 3 horas, sentei na cama com lágrimas nos olhos. O Espírito Santo estava prestando um testemunho tão forte da veracidade do Livro de Mórmon e da Igreja, que tive o desejo de dizer: "Por favor, Senhor, chega, chega. Eu sei que é verdade."

Sei de todo meu coração e alma que o Livro de Mórmon é verdadeiro. Ele me conduziu ao Deus vivo, a Jesus Cristo, e à sua igreja, dirigida por um profeta vivo. □

Clifford E. Coleman é membro da Ala Midland Três, Estaca Odessa Texas.

"NOÉ DEIXANDO A ARCA" DE HARRY ANDERSON

DEPOIS QUE AS ÁGUAS DO DILÚVIO BAIXARAM O BASTANTE PARA QUE HOUVESSE TERRA SECA PARA SE VIVER, NOÉ, SUA FAMÍLIA, E TODOS OS ANIMAIS DEIXARAM A ARCA PARA POVOAR A TERRA. DEUS COLOCOU UM ARCO-ÍRIS NO CÉU COMO SINAL DO CONVÊNIO DE QUE NUNCA MAIS DESTRUIRIA TODO SER VIVENTE COM UM DILÚVIO. NOÉ E SUA FAMÍLIA ERGUERAM UM ALTAR E OFERECERAM UM SACRIFÍCIO DE GRATIDÃO AO SENHOR. (VIDE GÊNESIS 8–9.)

A Juventude em St. Thomas desfruta de sua singular ilha paraíso, no Caribe. Eles se apóiam mutuamente e gostam de compartilhar o evangelho.
(Vide "Tudo Seguro"!)